

A presente edição de *Monção* contém mais três textos do que a primeira (1963): *Incerteza*, *Tyâtr* e *Regresso*.

Quando, em 1963, este livro saiu à luz em Lisboa, *Vimala Devi* tinha publicado apenas um volume de poesia, sobre o qual João Gaspar Simões escrevera no *Diário de Notícias*: “Dir-se-á que estamos diante de um Camilo Pessanha que lesse Fernando Pessoa.” Mas a publicação de *Monção* trouxe um novo mundo ao leitor português. Goa tinha sido ocupada pelo exército da República da Índia havia um par de anos e começava inevitavelmente a desdesenhar-se no imaginário lusitano. De súbito, *Vimala Devi* aparece com um livro onde praticamente todos os grupos sociais de Goa são retratados sem disfarces: o desfazamento histórico que significava a existência de *manducares* (uma espécie de servos da gleba quase medievais com obrigações até de serviços e bens gratuitos aos senhores da terra) e de *batecares* (proprietários rurais com direito a serviços e bens gratuitos dos camponeses que viviam nas suas terras), a existência de castas entrecruzadas com classes (que *Vimala*, nos seus contos, sabe apresentar de uma maneira muito subtil), dos descendentes dos portugueses dos séculos XVI e XVII que se mantinham como grupo social bem identificado, além, naturalmente, das separações religiosas. Naquela época, a população de Goa dividia-se quase metade por metade, entre cristãos e hindus, mas vivendo em sociedades quase estanques, apenas com contactos muito superficiais e residuais. No entanto, *Vimala Devi* (pertencente à comunidade

cristã) teve o arrojo de fazer três coisas corajosas e inéditas: usar um pseudónimo hindu (o seu nome cristão autêntico é Teresa da Piedade de Baptista Almeida), tratar literariamente alguns sectores da sociedade hindu numa série de histórias que mostram uma sensibilidade universalista pouco comum e publicar um livro que interferia directamente com os interesses da sua classe.

Monção mereceu a atenção da melhor crítica em Portugal. António Quadros, por exemplo, escreveu que “a realidade de Goa não é para a autora um objectivo em si mesmo, antes diremos que é um meio pelo qual nos descobre a face maravilhosa da aventura humana”.

Além da edição em português, muitos destes contos foram traduzidos e publicados em diversas línguas. Em concanim, foram traduzidos por Evágrio Jorge e publicados no diário Uzvadd, de Goa; em esperanto apareceram em diversas revistas e, com o título Musono, foram publicados em volume pela editorial Al-fab-et-o (Suécia); a editorial Penguin Books, de Nova Deli, incluiu o conto “Esperança” (Hope) na antologia Ferry crossing. Short stories from Goa, organizada por Manohar Shetty; o conto “Nättak” (Nättak, ein Schauspiel) foi traduzido para alemão e publicado pela Franz Steiner Verlag, no volume Südasien-Anthologie – 44 Übersetzungen aus Südasiatichen Literaturen, organizado pelos profs. Günter

D. Sontheimer e Helma Werny, da Universidade de Heidelberg.

Em finais de 2002, com o título Monsó foi lançada uma edição completa em Barcelona, pela editorial El Cep i la Nansa de Vilanova i la Geltrú, traduzida para catalão pela própria autora. A crítica assinalou que Monção é um retrato literário de um universo que contém mil matizes humanos e de personagens, que, por serem entranháveis, têm ressonâncias familiares para o leitor ocidental e estabeleceu um paralelo muito interessante entre os contos de Monção e os Dubliners, de James Joyce. A imprensa fez-se eco da publicação de Monsó através de extensos artigos sobre a obra e realizaram-se vários actos públicos com a participação de importantes intelectuais catalães e até a realização no Ateneu Barcelonès de uma mesa-redonda com o título: «Aproximação histórica à sociedade e à cultura da Goa colonial, a propósito da publicação do livro Monção, de Vimala Devi.»

A sombra da árvore alonga-se ao pôr do Sol
sem nunca se separar dela.

Kalidassa

râsa = "sabor"
(emotion to be passed
to spectator)

NÂTTAK = Hindu popular theatre,
pt. in next to temples

Teve dificuldade em atravessar a massa de gente que se amontoava junto do templo. No meio da multidão, no palco desmontável, ao ar livre, representava-se uma *râsa* de amor. Mas nem todos conseguiam assistir ao espectáculo. Só os que estavam mais perto, nos bancos laterais, ou à frente, no chão, sobre esteiras, e de pé, em redor. Metade dos espectadores contentava-se apenas em escutar as palavras dos actores. Muitos outros, que não podiam ver nem ouvir, petiscavam picantes e sorviam chá aromático, que vendedores ambulantes apregoavam. Um odor pesado de *chondor-vatt*, de *viddô*, dos picantes, das flores que enfeitavam os cabelos das mulheres evolava-se da multidão.

Indian
incense

Estava ali gente de todas as aldeias vizinhas, que acorria, chamada pela fama daquele *nâttak*. Como ela, que vinha de longe, de outro bairro. Mas não queria deixar de assistir ao famoso drama de Jayadeva. Não tanto pelo conteúdo, que conhecia certamente, mas por um dos actores, por Tukaram, cuja fama corria pelas aldeias dos arredores.

Atravessou a multidão, tropeçando nas pernas estendidas, até avistar o palco. Aí, Râda cantava os seus sofrimentos pela longa ausência do seu amado Krisna. E a *raibari*, a confidente, denunciava:

*Nesta estação embriagadora
que torna a separação tão cruel aos amantes,
o jovem Harî doideja e dança com um bando
de jovens mulheres.*

A melodia prolongava-se numa ritmia adormecedora que extasiava os ouvintes. Durgá ficou também ali, de olhos abertos, atenta, imaginando cenas fabulosas dos tempos passados, quando os deuses desciam à terra e conviviam com os homens, antes que os drávidas deixassem de ser senhores na sua própria pátria sob o ímpeto do ariano invasor...

Quando a melodia cessou, a multidão aplaudiu, batendo as mãos, gritando, rindo. Durgá riu também, satisfeita. E, de repente, sentiu sede. Andara muito para poder assistir ao nâttak. Além disso, toda aquela multidão, mesmo ao ar livre, produzia um calor insuportável. Apeteceu-lhe tomar um fresco. Com essa ideia na mente, começou a abrir passagem. Mas, junto do palco, a massa de gente comprimia-se num esforço para caberem mais no mesmo espaço. «Que aborrecimento!», pensou. Mas a sede apertava-a e continuou a furar. Até que, imprevisivelmente, reparou que estava mesmo junto do proscénio. A multidão desviara-a do seu caminho.

Meneou a cabeça, contrariada. Precisava de atravessar para o outro lado, por onde andavam os vendedores ambulantes. E para lá só havia um caminho: atravessar o palco. A timidez fê-la hesitar. Não poderia ir de um extremo a outro com tanta gente a observá-la. Ficou a olhar, aborrecida. Mas, de súbito, deu um estalido com os dedos. Passaria por dentro. Por aí estaria a salvo de todos os olhares, ninguém a poderia ver. Riu, satisfeita com a ideia.

Empurrou resolutamente um pano e entrou. Era sem dúvida uma rapariga intrépida. Mas a sua coragem desvaneceu-se poucos passos adiante, ao encarar, de chofre, Krisna, com as suas ricas vestes brilhantes e o rosto pintado de azul, que parou, admirado.

“Uma jovem actriz ou uma deusa que desceu entre os homens?”, perguntou o Krisna azul, colocando-se à sua frente.

E sem saber como, Durgá sentiu que a sua timidez desaparecia de súbito. Espantou-se ao ouvir a sua própria voz:

“Porque lhe pintaram desta cor?”

O actor ficou muito sério, desconcertado. Era evidente que não esperava uma atitude daquelas. Noutras circunstâncias teria expulso o intruso do recinto, mas havia qualquer coisa no comportamento da rapariga que o obrigou a responder:

“Vou dizer-lhe com a condição de se retirar, sim? Isto é só para actores... Repare bem: eu sou Krisna, o deus drávida. Não podia deixar de ser moreno. Agora vá para o seu lugar, hã! Vá para o seu lugar! Porque espera?”

“Eu queria uma soda...”, gaguejou Durgá, atrapalhada.

Ele riu, alto, divertido, exibindo uns dentes muito brancos.

“Uma soda, *Devá!* Que ideia! Mas agora é impossível!... Não vê que vai começar o terceiro acto?”, e quase sem dar por isso, passou-lhe a mão pela longa trança negra. Piscou os olhos, encarando-a com firmeza. Esteve um momento assim, calado. Depois, num murmúrio atabalhoado:

“Espere! Fique aqui quieta, atrás desta cortina, até a cena terminar... Depois vamos beber qualquer coisa!”

“Mas eu quero ver o Tukaram”, murmurou Durgá.

“Então já o viu: Tukaram sou eu!”, exclamou o deus Krisna, largando-a e subindo ao palco.

Durgá ficou só, confusa. Sentou-se sobre os calcanhares, entre o estrado e o extremo do cenário, e deixou-se estar em silêncio. A cabeça girava-lhe. Fora como uma visão. «Será realmente ele?» Fez mentalmente o confronto com o retrato impresso nos programas distribuídos pelas aldeias. Um deles guardara-o para si e... na verdade, vendo bem... «Se a âi soubesse que eu...» – pensou. Mas a súbita lembrança da mãe entristeceu-a. Não sabia ao certo o que se passava. Alguma coisa havia em relação a elas, que Durgá não podia compreender. No bairro, ninguém lhes falava. A solidão sitiava-a cruelmente, sem motivo lógico. Um dia, em que a mãe lhe penteava os cabelos compridos, untando-os com óleo de coco, perguntou timidamente:

“Âi, porque não me fala do *dâdâ*?... A Mogrêm perguntou-me ontem quem era o pai...”

“Deixa-a perguntar”, respondeu ela, convenientemente. “Sou muito capaz de lhe partir a cara se ela se meter muito na minha vida.” E olhou para a filha fixamente durante um instante. “Hum, *dâdâ*!”, exclamou, cuspiendo para fora da janela com repulsa.

Aquele gesto da mãe doera-lhe, por tudo o que deixava adivinhar, se quisesse. Se quisesse... Mas Durgá não queria pensar, no fundo não queria adivinhar, pois tinha um medo escondido da descoberta que poderia fazer. A âi ficava tanto tempo por fora, deixava-a tão só...

“Âi, fique hoje em casa”, pedira.

Ela fitara-a, admirada.

“Não posso, Durgá! Não posso! Precisas de alguma coisa?”

Não, pensou Durgá. Não precisava de nada. Tinha belos vestidos, jóias, boa comida. Mas estava sempre tão só... E não tinha pai. Não tinha *dâdâ*.

A dolorosa recordação da mãe, da sua solidão, todos aqueles pensamentos tristes sumiram-se no momento em que o público começou a aplaudir a cena final.

*Embora longe de mim
e entregue aos loucos devaneios
com outras belas,
o meu espírito está repleto da sua imagem
e das suas carícias...*

Levantou a cabeça. Krisna regressava dos seus devaneios aos braços da inconsolável Râda, que tomou como esposa divina. A canção final, do amor místico dos homens, saía dos lábios de Tukaram, até que o pano caiu. Do seu esconderijo, Durgá viu o deus azul agradecer os aplausos e atravessar o palco na sua direcção. O coração bateu-lhe com força, excitada. Tornou a ouvir a canção nostálgica de Râda: «*Embora longe de mim.. o meu espírito está repleto da sua imagem...*» Ao pensar «...*e das suas carícias...*», Durgá sentiu-se estranhamente perturbada. Mas o deus azul já passara. Esquecera-se da sua admiradora.

“Tukaram!”, chamou, enchendo-se de coragem.

Ele parou, olhando à volta. E, ao avistá-la no mesmo sítio onde a deixara, soltou uma gargalhada.

"Ainda aí está? Sempre quer tomar um refresco?", perguntou. "Então vou tirar este fato e lavar a cara, para ser eu outra vez, está bem?"

Durgá mostrou-se um pouco embaraçada.

"A minha casa dista muito daqui... Tenho que aproveitar a companhia da outra gente que vai para os meus sítios."

"Melhor ao caso", exclamou Tukaram alegremente. "Deixe essa gente retirar-se à vontade. Eu levo-a depois, de bicicleta."

E desapareceu nos bastidores. Quando voltou, pouco depois, vinha a mascar betle e trazia umas calças brancas com a camisa de fora. Tinha uma figura atraente, muito claro, e falava com desenvoltura, seguro de si. Saboreava interiormente o prazer de se ter insinuado no espírito daquela sua admiradora, que o olhava furtivamente. E, pousando a mão na sua trança comprida, encaminhou-a para um pequeno restaurante.

"Eu cá estou cheio de fome", exclamou logo que se sentaram. "Vou comer um *xacuti*. Não queres também?"

Ela não cabia em si. Era como um animalzinho tímido, receoso de enfrentar o desconhecido, mas ao mesmo tempo com a audácia dos pequenos seres selvagens. Pela primeira vez estava junto de um homem e um grande actor, que chegara a encarnar Krisna. Isso entusiasmava-a a tal ponto que nem se apercebeu de que ele lhe dizia:

"Gostava de a ver só de sari, sem nada por baixo..."

"A ãi prometeu comprar-me um", respondeu com inocência. "Diz que já estou na idade de vestir sari."

Aquela frase fê-lo hesitar. Que idade teria ela? A aparência era de adulta.

"A ãi diz que tinha eu cinco anos quando morreu o Babú merceeiro. Mas todos me dão mais idade."

Tukaram não respondeu. Babú tinha falecido há onze anos. Isso sabia ele melhor do que ninguém, pois Babú era seu pai. Há precisamente onze anos que morrera. Ela devia ter, então, dezasseis anos. Não passava de uma criança. Ficou arrepenido de tê-la julgado mal. Em todo o caso, começava a agradar-lhe. Inspirava-lhe uma grande ternura, nas suas reacções infantis e na ingenuidade com que o abordara no nãttak.

"Lá vêm os nossos xacutis. O que quer beber?"

"Soda!"

"Soda e um chá quente!"

Mas, precisamente nesse momento, um homem já idoso, de cabelo branco, ergueu-se precipitadamente de uma mesa e aproximou-se, a sorrir:

"Que alegria!", exclamou, estendendo os braços. "Você não é Tukaram, o filho do meu amigo Babú Candolcar?"

Tukaram levantou a cabeça e franziu a testa, espantado.

"Sou", respondeu. "E você é... deixe ver se me lembro... Ah!, deve ser... Espere! É o Naraina! Mas não estava em Bombaim? Olha, o velho Naraina aqui! Quem havia de dizer? Que é feito do Dinanata? Mas primeiro sente-se, sente-se."

"Vejo que me reconheceu", disse Naraina, olhando de soslaio para Durgá. "Dinanata está agora em Deli e dentro de dias vai estreiar-se no cinema. E você? Porque espera? Quando o vi en-

trar, resolvi vir felicitá-lo pela sua bela actuação no nãttak, e garanto: você tem talento. Não devia desperdiçá-lo cá em Goa. Aqui não há campo para os artistas..." E, virando-se, chamou o criado.

"Se é para mim, agradeço-lhe", murmurou Tukaram. "Não desejo tomar mais nada." E ficou atrapalhado por não saber o nome da sua pequena companheira. Hesitou um momento, mas exclamou: "Aqui a minha prima não sei se quer..."

"Ah! É sua prima? Muito prazer", murmurou o velho acenando ligeiramente. "Vou mandar vir chá para si."

Durgá retribuiu-lhe o cumprimento com um sorriso e significou que não com um movimento da cabeça.

"Só um chá", pediu Naraina. E, virando-se para o rapaz, continuou: "Você vá para Bombaim, Tukaram. Estude arte dramática, não desperdice os seus dotes artísticos... O artista é como uma planta que carece de rega diária! Aqui brotam sementes que lá fora se podem revelar grandes talentos... O bichinho da bosta nunca fica na bosta. Por vezes estas sementes perecem por falta de meios, de apoio social, por pertencerem a uma casta humilde, mas sempre podem vingar. Cada vez que me lembro de seu pai! Também foi um grande actor. Quantas vezes eu lhe aconselhei: «Saia daqui, Babú, você não nasceu para vender jagra e coco». Mas qual..."

No espírito de Tukaram não restava lugar para dúvidas. Naraina devia ter sido o melhor amigo do pai. Mas saberia ele toda a verdade: que o pai gastara as suas poucas economias com uma bailadeira, que depois abandonou com o remorso de ter sido a causa da morte da mulher? Saberia

que Babú morrera alcoolizado, deixando dívidas aos filhos? Não saberia? Fitou-o, tentando apreender-lhe os pensamentos íntimos. Mas os olhos do velho não lhe disseram nada. Tukaram preferiu calar-se. Além disso, Durgá estava ali... Ela que tanto desejara conhecer o grande Tukaram!

Ao notar o silêncio dos dois jovens, Naraina desculpou-se pela intromissão. Fizera-o com a melhor das intenções, mas talvez não devesse. Pôs-se a rever as suas palavras e nada encontrou de ofensivo. Ou talvez o seu ponto de vista não fosse bem acolhido. Arrependido de se ter deixado guiar por um impulso, levantou-se.

"Quero agradecer-lhe em nome de meu pai", exclamou Tukaram, erguendo-se ao mesmo tempo. "Ele foi também um grande idealista. Quando novo, obrigava-me a ir para a escola... Só lhe faltou coragem para fazer qualquer coisa na vida."

O velho Naraina sentou-se outra vez. Doía-lhe partir sem aconselhar aquele rapaz cheio de talento mas que acabaria certamente como o pai. Doía-lhe e sentia que era seu dever falar-lhe, enquanto ainda era tempo. E encarou-o com firmeza:

"Bem sabes, Tukaram, que fui grande amigo de teu pai. Talvez seu melhor amigo. Muitas vezes conversámos sobre os nossos sonhos. Queríamos ser alguma coisa na vida. A ideia de ter uma taverna – a única herança de meu pai – esmagava-me. Além do mais, de sacrificar o meu futuro, destruiria também o dos meus filhos. Que fazer? Como Babú, eu não sabia português! Enchi-me de coragem e instalei-me com a família em Bombaim. Passei muito, sempre com vista aos estudos dos rapazes. Trabalhei muito, mas tive a minha recom-

pensa: o mais novo terminou Arquitectura e Dinanata enveredou pelo Teatro... Babú preferiu ficar e bem sabes o que aconteceu..."

Estimular o filho do seu grande amigo era um dever sagrado para o velho Naraina. Mas não poderia, naquele momento, adivinhar até que ponto concorrera para guiar Tukaram, cuja vista se fixara numa meta distante – inatingível! Sempre a mesma dificuldade, a língua!, pensava. Em casa só falavam concanim, na aldeia ninguém sabia português e, em criança, antes da escola primária portuguesa, aprendera o marata! Que poderia fazer em Goa, excepto o mesmo que seu pai e, como ele também, nos intervalos, ser teatrista, amador improvisado de *nāttkan*?

"Se precisar de mim", disse ainda Naraina, pondo um cartão em cima da mesa, "tem aqui o meu endereço em Bombaim!"

Mas Tukaram já não o ouvia. Estava muito longe dali.

De volta, o caminho surgia como um lençol estendido. A luz baça do farolim da bicicleta rasgava a escuridão. Nem mesmo as estrelas pareciam dispostas a contribuir com a sua luz cintilante. Pedalava instintivamente, dominado pelas emoções daquela noite: primeiro, a sua actuação no *nāttak*, depois a inesperada aparição de Durgá e, por fim, o encontro com o velho amigo do pai... Procurava um elo de ligação entre todos esses três acontecimentos. O *nāttak* – pensava – é o teatro do povo para o povo, esse povo que acorre em massa, galgando léguas, em dias consecutivos, para aplaudir uma peça representada por homens incultos como ele, mas que sentem bem dentro de si os seus dramas e as suas alegrias. O próprio Naraina per-

tencia a essa gente inculta. No entanto, conseguira salvar os filhos daquela prisão da língua! Lembrou-se do seu caso particular, do português que aprendera na escola primária e que, ao contacto com a sua gente, acabara por esquecer. Para que não fosse assim, era preciso continuar os estudos portugueses, ir para a cidade. E depois? Surgiria uma barreira entre ele e a família, entre ele e a gente a que pertencia. Por isso, talvez, o pai preferiu deixá-lo inculto, como ele próprio, como o avô, como os antepassados. E os filhos do Naraina? Ah, esses tinham frequentado a escola inglesa da aldeia, foram depois para a universidade de Bombaim... E o pai, porque não o teria matriculado também na escola inglesa? Nas aulas de Mr. Fernandes podia-se estudar pagando pouco. Depois seria fácil a entrada na universidade ou na escola de arte dramática... Mas o pai, depois que enviudara, começou a embriagar-se e todas as suas economias tinham sido já absorvidas pela amante.

Ao contrário dos pensamentos tortuosos em que se revolvia o cérebro de Tukaram, Durgá experimentava uma nova sensação. Sentada lateralmente no quadro da bicicleta, entre os braços vigorosos de Tukaram, imaginava o começo de uma história de amor, no escuro da noite, com a trança a bailar ao vento. Gostaria de contar-lhe tantas coisas, a sua vida solitária, as ausências da mãe, a indiferença dos vizinhos, tantas coisas... Mas ele... Porque se conservava silencioso? Estaria ainda a pensar nas palavras do velho? Que infeliz encontro, precisamente no momento mais feliz, no momento em que iam ficar sós e poderiam falar, falar, em que poderia contar-lhe tudo o que acontecia dentro de si... Discordava tenazmente do conselho

de Naraina para que Tukaram fosse para Bombaim, quando em Goa ele era tão conhecido por todas as aldeias das redondezas, desde Pomburpá a Betim. Seria tão doloroso separar-se dele, agora que o poderia ver todos os dias! ^{chacal}

Só os uivos dos adibes riscavam o silêncio dos campos. Adiante, a luz de uma vela enxertada numa chereta guiava um grupo de pessoas de regresso a casa, talvez vindas também do nãttak.

"Aquela gente é dos meus sítios. Se tivesse vindo com eles, agora chegaria só. Assim é melhor, na sua companhia..."

A última frase foi pronunciada com tanta ternura que Tukaram não resistiu à tentação de lhe beijar os cabelos.

"Se amanhã também quiser ver o nãttak, vá ter comigo. Posso trazê-la outra vez de bicicleta, quer?"

"Sim. Irei amanhã e todas as noites para o ver representar..."

"Só por isso não vale a pena, Durgá. Não vê que eu sou um actor sem estudos? Se não fosse o Naraina talvez tivesse continuado na minha inconsciência, mas agora não tenho coragem para voltar ao palco!"

Durgá estremeceu. Sentiu uma revolta funda dentro de si, como se alguém lhe quisesse roubar alguma coisa que muito desejava.

"Não faça caso!", quase gritou. "Deixe o velho falar! Se ele se julga um herói por ter instruído os filhos, nós também temos a nossa maneira de viver, simples e despreocupada! Nós também podemos ser felizes em Goa!" E pensou que o que deveria ter dito era que «poderiam ser felizes se Tukaram quisesse».

"O Naraina tem razão, Durgá! Ele fez-me compreender que, se eu continuar ignorante, aqueles que me vêem e ouvem também continuarão sempre ignorantes, percebe?"

"Mas você é um grande actor, Tukaram! Não viu os programas com o seu retrato? Eu guardei um para mim..."

"Isso é uma falsa propaganda, Durgá. Sem estudar não posso ser ninguém. E eu gostava de ser um grande actor!"

"Como o Raj Kapur? Gosto tanto dele!", exclamou Durgá, alegremente. "Vi-o só daquela única vez que aí me levou ao cinema de Mapuçá. Nunca mais me voltou a levar por ser tão longe..."

Tinham chegado ao bairro. Faltava apenas atravessar um trilho estreito, por onde Tukaram se viu forçado a fazer muitas curvas, aos solavancos, desviando-se das pedras. Pequenas casas de taipa, de tectos baixos, as paredes forradas de churtas, alinhavam-se de um e outro lado da vereda. Gatos saltavam de telhado em telhado, porcos grunhiam alvoroçados com a sua presença. Na escuridão, as cobras rastejavam livres, sem necessidade de se infiltrarem por buracos e esconderijos e ficavam estendidas no caminho.

Tinham chegado. Durgá saltou para o chão e apontou para uma pequena casa, igual a todas as outras.

"É aqui", disse. "Não quer entrar?"

Tukaram estremeceu. Esperava tudo menos um convite àquela hora, a ele que fizera um esforço tão grande para respeitá-la durante todo o caminho! Começava a duvidar se as suas maneiras não seriam fingidas, uma armadilha.

"A esta hora? E seus pais?"

“Nada, só tenho âi. Ela nunca fica em casa. Só volta de manhã.”

Qualquer coisa devia estar mal. Tukaram não entendia. Estava perplexo. Como se explicava aquilo? As dúvidas iam-se transformando em certeza. Noutras circunstâncias, teria entrado sem hesitar. Mesmo assim, não podia fugir. Um escrúpulo final obrigava-o a não julgar pelas aparências.

Durgá foi acender o lampião, iluminando a cozinha. No chão embostado, bem limpo, luziam os cobres, as bilhas, os pratos empilhados. Sentado no degrau, Tukaram admirava a serenidade de Durgá e contemplava a sua expressão doce, enquanto preparava o chá. Desde a morte da mãe, era a primeira vez que sentia a intimidade de um lar. Estava ali uma mulher. E nela revia a figura da mãe, uma mulher, que pode conduzir um homem ao céu ou atirá-lo ao abismo, e ainda, outras vezes, conservá-lo na indiferença. A qual dos três tipos pertenceria Durgá? Tudo o levava a crer que ao primeiro, mas não podia fiar-se de um juízo apressado. Havia uma maneira de pô-la à prova. Mas era a que precisamente lhe custava mais! No nâttak, e mesmo um pouco depois, a culpa seria dela, por tê-lo desafiado com perguntas, acompanhando-o insistentemente. Mas agora não se tratava bem de escrúpulo ou de consciência... Era qualquer coisa mais... qualquer coisa... Viu as horas e ficou perturbado:

“Já passa das três! Deve estar com sono”, exclamou.

“Dormir? Não faço outra coisa quando estou em casa. Quando não durmo, estou só. Foi muito bom em fazer-me companhia, senão estava por aqui

a pensar coisas tristes!” E sorriu para não dar às suas palavras um ar de queixume.

“A sua solidão e a minha são irmãs, Durgá!”, murmurou ele. “Antes de me ir, quero dizer-lhe que há muito tempo não passava um momento assim!” E, pondo-se de pé, deu dois passos casualmente até à outra sala. Olhou em volta com curiosidade, abarcando todo o compartimento.

“Vou buscar o lampião. Aqui deve sentir-se melhor”, disse ela. E estendeu-lhe uma cadeira. Com movimentos rápidos deu uma rápida arrumação ao pequeno aposento. Debruçou-se para enrolar a esteira ainda estendida da sesta e foi colocá-la a um canto, atrás da cómoda. Mas, ao virar-se, bateu com a mão num vaso de flores, que caiu, estilhaçando-se.

“Tudo por minha causa. Perdoe-me! Porque foi enrolar a esteira se vai precisar dela para dormir? Foi por minha causa. Não devia ter vindo para aqui!”

Mas Durgá não respondeu. Enquanto ela varria cuidadosamente o chão, o olhar de Tukaram caiu no retrato que havia sobre a cómoda. Reproduzia uma mulher de feições muito semelhantes às de Durgá, os olhos expressivos, a boca bem desenhada, os cabelos puxados para trás... Vendo bem, notava-se uma única diferença entre os dois rostos: o de Durgá, contemplativo, era ligeiramente marcado por uma mágoa precoce.

Mas, ao examinar melhor o retrato, Tukaram estremeceu. E ficou ali, parado... Pegou no retrato. Chegou-o mais perto. Aqueles olhos fundos e brilhantes, aquela boca altiva e desdenhosa, aquela testa alta, aquele nariz... Tukaram estremeceu. Agora compreendia tudo. Compreendia tudo o que

Durgá não compreendia. Aquelas ausências, a solidão em que vivia... Tudo aquilo era explicado por aquele retrato. Ele conhecia bem aquele rosto, famoso noutros tempos em todo o concelho, da bailadeira Zayú... Zayú, cuja beleza enlouquecera dezenas de homens. Zayú, que enlouquecera Babú Candolcar, o arruinara, o alcoolizara, o amarrara para sempre àquela terra. Era Zayú, a bailadeira!

A bailadeira Zayú, por quem o pai se arruinara, por causa de quem não seguira os conselhos e o exemplo do seu amigo Naraina; a bailadeira Zayú, por causa de quem ele, Tukaram, não passava de um teatrista inculto, um amador de nãttak... E aquela rapariga, Durgá, era sua filha. Agora compreendia tudo... Sentiu uma grande tristeza, funda e dolorida. Endireitou-se. Por outro lado, pensava, a compensação viera. O que a mãe tirara, devolvera-lho a filha. Aquela conversa com o velho Naraina fora decisiva para a sua vida. Agora sabia o caminho. E não o teria talvez encontrado se a pequena Durgá não o tivesse interpelado nos bastidores. O que a mãe tirara...

Tukaram continuava, como sonâmbulo, diante do retrato. E foi recuando lentamente até à porta.

"Adeus, Durgá! Obrigado, Durgá! Nunca mais te esquecerei, Durgá!", murmurou, saindo para o escuro.

Entretida a embrulhar os cacos do vaso, que no dia seguinte iria lançar ao rio, Durgá não reparou que Tukaram saíra. Ao ouvir o ruído da bicicleta, correu, certa de o encontrar ainda no recinto da entrada. Mas a porta estava aberta. Do outro lado, só a escuridão, que engolira impiedosamente Tukaram.

Estacou à beira da noite, receosa das cobras que passeavam no escuro, senhoras e livres. Chegou-lhe aos ouvidos o ruído da bicicleta saltando sobre as pedras do trilho. Era Tukaram que partia. Partia sem uma palavra, deixando-a, como toda a gente, isolada no seu mundo.

Encostada à porta, deixou-se estar à espera que amanhecesse. Já não temia as cobras, mas tinha medo de entrar em casa e sentir-se outra vez só.

O GENRO-COMENSAL

Certo dia quente e pesado, anunciador da próxima monção, a tia Sacramento apareceu com novidades. O que não era de estranhar, pois se as manas Fonseca estavam a par de todas as intrigas da cidade, a ela o deviam. Mas daquela vez havia algo pouco habitual no semblante da velha. Entrou muito séria, distribuiu beijos por todas e sentou-se.

“Soledade, Claudina, Teodolinda, Dejanira!”, exclamou metodicamente com uma certa solenidade, por ordem de idades. “Venham cá, meninas. Sentem-se aqui perto de mim.”

As irmãs obedeceram, admiradas com tais ademanos.

Eram quatro e todas pouco ficavam a dever à beleza e à juventude. Soledade tinha quarenta e nove anos e era baixa, gorda, com um rosto duro, enérgico. Era o chefe da casa. A seguir vinha Claudina, com quarenta anos feitos, magrita e anémica, toda ela suspiros, arrotos e ladainhas a Santo António. Teodolinda fazia pelo Natal trinta e oito e era a melhor de todas sem dúvida, com uma certa graciosidade no olhar. Quanto à mais nova, Dejanira, a variola roera-lhe o rosto e deixara-a com uma careta horrenda. Diziam que era muito bonita antes da doença, o que, de certo modo, a consolava. Mas, como nessa altura tinha apenas nove anos, ninguém podia provar nada.

Desesperadamente solteiras, viviam sozinhas num velho casarão, na companhia de algumas criadas velhas, dos tempos do papá. Porque não havia varões na família. A casa ia extinguir-se. E as quatro manas Fonseca, resignadas, carpiam a mágoa de verem uma família de tão vetustas tradições mergulhar no vazio, desaparecer sem herdeiros ou continuadores.

Na monotonia das suas vidas, a visita da tia Sacramento era sempre um acontecimento.

Intrigadas, pois, com os modos da velha, perguntaram com curiosidade:

“Ti Sacramento, então o que foi?”

“O que havia de ser! Vocês não sabem nada?”

“O quê?”, exclamaram todas ao mesmo tempo.

“Ainda não sabem a novidade?”

“Que novidade, ti Sacramento?”

“Chegou Franjoão!”

“Que Franjoão, ti Sacramento?”

“Franjoão Barreto, de Saligão, meninas. Não se lembram dele?”

“Oh, sim”, exclamou Claudina. “Lembro muito bem. Ele até andou atrás de Soledade, não é assim? Foi antes dele ter ido embora para África! Ela é que não quis...”

“Eu não quis...?”, protestou a irmã, apertando as mãos com força e desespero.

Mas a tia Sacramento cortou a discussão:

“Deixem-se agora disto. Estamos entre mulheres e podemos falar à vontade. Sabem muito bem que a única coisa que Franjoão fez foi dançar uma vez no clube com Soledade. Toda a cidade falou no caso porque já não eram nenhuma criança, mas isso não quer dizer nada. De resto,

quando isso aconteceu já ele tinha tudo pronto para a partida... Mas oiçam lá, ainda não viram Franjoão desde que chegou?”

“Nããão!”, exclamaram as quatro ao mesmo tempo, ansiosas.

Ti Sacramento pôs as mãos bem abertas sobre a mesa e fez uma pausa.

“Ora bem! Franjoão, para falar verdade, é fraca figura. Engordou muito e está quase careca. Além disso, bem sabem que não passou ainda de terceiro oficial. Quanto a fortuna, julgo que não ignoram como estão os Barretos de Saligão...”

“São brâmanes de Saligão!”

“Dos melhores”, concordou ti Sacramento, “dos melhores, mas sem cheta...”

“E o que tem isso?”, protestou Soledade, endireitando-se, orgulhosa. “O sangue não discute fortuna!”

“Pois bem! Foi isto mesmo o que eu pensei quando falei com ele esta manhã...”

As quatro irmãs inclinaram-se para a frente, excitadas, sem pestanejarem.

“Falou com ele esta manhã?”

Ti Sacramento teve um sorriso superior, cheio de velhacaria.

“Falei. E por sinal perguntou-me por vocês. Disse assim: «Como estão as irmãs Fonseca, tia Sacramento do Rosário? Um dia destes penso visitá-las. Hoje não pode ser, porque vou esta tarde para a aldeia. Fica para outra vez». E sabem o que perguntou mais?”

“Não, ti Sacramento!”, responderam em coro.

“Perguntou-me assim: «Elas ainda não casaram?»”

"Foi a fazer pouco!", exclamou Claudina, chorosa. "Toda a gente faz pouco desde que morreu o papá..."

"Qual fazer pouco!", protestou a velha. "Eu bem vi o interesse com que ele fez a pergunta. Olhem, disseram e muito bem, que o sangue não discute fortuna. Digam-me cá: de que é que vocês precisam aqui em casa? Hã? Não é um genro-comensal para continuar a casa?"

"Quer ti Sacramento dizer cunhado-comensal!", respondeu Dejanira, muito pálida, enquanto Soledade levava as mãos à garganta, sufocada por hipótese tão excitante.

"Cunhado-comensal ou genro-comensal dá na mesma. Pois eu pensei que se vocês estabelecessem Franjoão e ele casasse com Teodolinda..."

"E porquê Teodolinda?", exclamou Soledade, de súbito, erguendo uma voz trémula e ligeiramente irada. "Porque não Dejanira ou Claudina? Já que optam por uma das mais novas, que eu por mim já desisti de casar, não tenho paciência para atuar os homens... Mas não vejo razão porque há-de ser Teodolinda e não Dejanira..."

Mas ti Sacramento não a deixou terminar:

"Para que te serve a cabeça, Soledade? Pois tu não vês que a Dejanira é picada das bexigas? Não há nenhum homem que lhe pegue, enquanto que Teodolinda..."

Nessa altura Dejanira rebentou a chorar convulsivamente e saiu da sala a correr. Teodolinda levantou-se e foi atrás da irmã, muito aflita. Ficaram apenas as duas mais velhas, frias e positivistas.

"Digo-lhes que é uma oportunidade única", continuou ti Sacramento, fazendo uma careta.

"Sim, porque vocês não pensam já, com certeza, nos delegaditos que por aí aparecem, pois não? Teodolinda já vai nos trinta e oito..."

"Trinta e oito, ti Sacramento?", protestou Claudina. "Trinta e seis tenho eu e sou muito mais velha. Diga trinta e dois, que fala verdade..."

"Sejam, trinta e dois", suspirou a velha resignadamente. "Mas não tem muito por onde escolher..."

"Qual!", exclamou Soledade. "Ainda há dois anos Joaquim Menezes, de Santa Cruz, quis casar com ela..."

"Pois sim, mas Joaquim Menezes é de Santa Cruz, é chardó..."

"Boa família chardó, antiga, fidalga!", afirmou Claudina energicamente.

"Então se não foi por ser chardó, porque não aceitaram?", perguntou ti Sacramento, irónica. "Pois olhem, Franjoão é trabalhador, de boa gente..."

"É boa família, brâmanes de Saligão!", assentiu Soledade, convencida.

"E que idade terá ele agora, ti Sacramento?", perguntou Claudina.

A velha aproveitou para se vingar:

"Deve andar pelos cinquenta. Ele é da idade da Soledade... Quem podia arranjar isto era ti Aureliano! Querem que lhe fale para levar a proposta?", perguntou, com um sorriso cúmplice.

II

Francisco João Barreto, mais conhecido por Franjoão, engordara muito nos seus dez anos de

África. Não se podia dizer que fosse obeso, mas como era baixito e a calva tinha aumentado muito, parecia mais redondo do que na realidade. Aliava a tudo isto uma grande insatisfação, pois, por mais esforços que fizesse, não conseguia progredir na vida. Faziam-lhe toda a sorte de desconsiderações, abusavam da sua boa-vontade, e os colegas iam-lhe passando à frente nas promoções. E ainda ele tivera a coragem de emigrar, que o irmão Franxavier conservava-se teimosamente agarrado à propriedade, na velha casa em ruínas, de paredes rachadas, que os manducares haviam quase totalmente abandonado e que mal dava para o arroz caril. O seu grande sonho, quando partira para Moçambique, fora juntar dinheiro e poder regressar ao esplendor passado. Mas tudo em vão. Dez anos tinham passado e com muito sacrifício conseguira finalmente voltar a Goa para gozar a graciosa. E foi reencontrar apenas miséria, desolação e ruínas na velha casa dos avós, com o irmão cheio de filhos, e a mulher, a Belmira, enrugada, caduca. Os poucos milhares de rupias que amealhara não chegariam para grande coisa.

Franjoão não perdera, no entanto, a sua bem conhecida alegria, que o tornara, no seu tempo, tão popular nas festas dos clubes e nos piqueniques. Estava nesse preciso momento a descansar numa esteira, quando a Coinção veio dizer-lhe que estava lá o tio Aureliano. Pôs-se de pé muito depressa e correu para fora.

“Ti Aureliano, como está? Entre, entre! Porque não entrou logo, sim? Coinção, arranje um refresco a ti Aureliano. O que vai tomar?”

“Não te incomodes, rapaz. Não tem importância...”

“Incomoda nada. Traga orchata já, sim?”

Ti Aureliano sentou-se pesadamente e encarou-o:

“Pois tenho muita alegria em ver-te, meu rapaz...”

“Eu também, ti Aureliano. Tia Carmina, bem? Hei-de ir para lá um dia!”

“Quando quiseres, bem sabes. Dás-nos sempre muita alegria. E tu? Tua vida como vai? Já te casaste?”

“Eu, casar?”, riu Franjoão. “Não penso nisso. Mano Franxavier já cumpriu seu dever para a casa. Eu estou velho... Quem quer a mim agora?”, perguntou, já desconfiado.

“Ora, ora!”, exclamou ti Aureliano. “Candidatas não te hão-de faltar... O nosso Franjoão é que deve estar a fazer-se caro. Pois que melhor partido podiam querer...?”

Ele riu, protestando.

“Chil! A mim ninguém quer, ti Aureliano, a mim ninguém quer...”

“De uma sei eu que não queria outra coisa!”

Franjoão, que pressentira qualquer coisa logo de entrada, ficou de pé atrás. Se ti Aureliano vinha com uma proposta, tinha que se acautelar. Já não estava em idade de fazer casamento à toa. Só se fosse coisa choruda, boa família, bom dote, com que pudesse dar novo rumo à vida. Tinha que se acautelar e regatear bem, para tirar boas vantagens. Arriscou, portanto, apenas um tímido:

“Sim?”

O velho estendeu o braço e pegou na orchata que Coinção lhe estendia. Bebeu um gole, lentamente, esperando que a criada saísse. Depois continuou:

“Pois é, amigo Franjoão! Menina rica, boa família, brãmane dos melhores. Se você estivesse de acordo...”

Franjoão não se estendia.

“Sim?”

“Agora é contigo. A gente é muito tida, veja lá... Não sabes quem são?”

“Não.”

“Não adivinhas?”

“Como posso?”

“As Fonsecaas de Margão.”

“Chi, ti Aureliano! Que diabo de proposta me traz você? Parecem espantalhos! Elas já passaram da idade. Soledade deve ir quase nos cinquenta. Além disso são muitas irmãs. E a partilha de cada uma?”

O velho abanou a cabeça.

“Quanto a isso podes estar descansado. Elas querem genro-comensal. São quatro. Só Teodolinda é que casa. Não é feia, acredita. É a melhor de todas. Querem estabelecer o cunhado. E olha que vai ficar muito bem...”

“E não se arrependem depois? São capazes de ainda vir a casar e escangalhar tudo...”

“É gente de palavra!”, assegurou ti Aureliano.

“Além disso, quem é que casava com elas? As mais velhas já estão passadas; a mais nova é bexigosa. Teodolinda tem trinta e oito. Tu tens cinquenta. Está boa para ti. Ela é engraçada... Compreendes, não há varões na casa. As irmãs desistem e estabelecem o cunhado. Que dizes?”

Franjoão mordeu o lábio, cauteloso, sem responder logo.

“E são muito tidas?”, perguntou. “A casa é boa, mas sei lá...”

“Soledade tem sido o homem da casa e olha que tem uma mão para as propriedades! Quanto a isso podes estar descansado...”

“Ainda têm o prédio de Divar?”

“Sim.”

“Quantos candis de bate dá?”

“Sete.”

“E coco?”

“Dois mil cocos.”

“E mais? Bananas, mangas, jacas?”

“Também. Há outras propriedades.”

“Onde?”

“Em Dongrim.”

“O que produz?”

“Arroz. Várias qualidades. E muita manga, em Benaulim.”

“Têm mangas em casa? Mangas ou chupadeiras?”

“Qual! Manga boa, xavier, fernandina. É boa casa. Brãmanes antigos, bem sabes. Aquilo tudo fica para a Teodolinda.”

“Sério?”

“Claro. O que elas querem é um homem de carácter, que se dê bem com elas e traga respeito à casa!”

Franjoão baixou a cabeça, pensativo.

III

Houve muitas idas e vindas entre Margão e Saligão para acertar pormenores, sempre difíceis em questões de dinheiros. Ti Aureliano foi incansável. Mas não deixou, um dia, de desabafar:

“Para que me meti eu nesta, hã? Palavra que nunca vi homem mais difícil de contentar. Quer saber tudo esmiuçado: as colheitas, o que há no godão, as jóias da casa, os cofres... Oxalá, ao menos, tudo saia bem e não venha ainda a arrepender-me!”

Mas ao cabo de tanta tormenta, realizaram-se finalmente as prendas, o casamento, a tornaboda, e Franjoão, entusiasmado, não se conteve que não dissesse:

“Ti Aureliano, fique sabendo que lhe hei-de estar grato toda a vida. Devo-lhe a minha felicidade.”

A felicidade era o casarão enorme como um mosteiro, bem recheado de loiças antigas, contadores lavrados, marfins, jóias, pedras, grossas manilhas de ouro, a dispensa bem fornecida, e boas propriedades de rendimento. Quanto à Teodolinda, era realmente a melhor das quatro irmãs, embora já tivesse há muito murcho nas faces o verdor da juventude.

Foram passar a lua-de-mel à Índia inglesa, a Bombaim, onde Franjoão gastou do seu, do que trouxera de Moçambique. Mas fê-lo de boa vontade, que os tempos tinham mudado. De boa vontade até que lhe apresentaram a conta, porque teve a ideia de hospedar-se no Taj Mahal. Felizmente só lá estiveram uns dias, de contrário teria dilapidado todas as suas economias de dez anos de África.

Foram ainda visitar o primo Roberto Fonseca a Belgão e foi o que lhe valeu. Que os tempos tinham mudado, mas não tanto, como não tardou a verificar.

Andaram por lá quinze dias. Logo que chegaram, Franjoão virou-se para as cunhadas, cheio

de animação perante a nova vida que ia encetar e disse:

“Amanhã vou a Benaulim ver o estado em que está a propriedade!”

Mas Soledade retorquiu logo, apressada:

“Não se rale, Franjoão. As coisas vão a correr muito bem. Não faz três dias que lá estive.”

“Sim?”, exclamou ele, passando a mão pelo queixo, pensativo. “Então vou a Divar ver os arrozaís!”

“Deixe. Não vale a pena. Do que o mano precisa é de descansar. Descanse. Estive lá a semana passada...”

“E Dongrim?”, perguntou ainda.

“Agora não há nada a fazer por lá. Só para meio do próximo mês, quando começar a monda...”

Franjoão encolheu os ombros e dirigiu-se para a porta. E ia já a sair quando avistou, em cima da mesa, uma enorme manga amarela e cheirosa. Voltou atrás, pegou-lhe, tomando-lhe o peso, e começou a descascá-la. Claudina quase deu um grito:

“Mano Franjoão!”

Ele virou-se, assustado, sujando a cara de sumo.

“Que há? Que há? Que foi?”

“Está a comer manga à mão!”

“Pois claro! Então como queria a mana que comesse?”

Então Soledade interveio, com a sua autoridade de mais velha:

“Franjoão, quero dizer-lhe que se Barretos é boa família, Fonsecas não ficam atrás. E em nossa casa sempre comemos mangas com talher! É bom que se vá habituando aos usos da casa!”

Franjoão ficou rubro, hesitante, sem saber que responder ou que atitude tomar. Mas era preciso tomar uma atitude. Balbuciou umas palavras ininteligíveis e, num gesto de raiva impotente, lançou a manga meio descascada para o chão, saindo da sala furioso.

À noite, disse-lhe a mulher:

“Que coisa, Franjoão! Como pudeste ofender assim minhas irmãs?”

“Não sou nenhum garoto”, respondeu, ainda sentido. “Se me apetecer comer fruta à mão, hei-de comer mesmo! Farto de erres e efes venho eu de África...”

“Mas tu tens que dar o respeito, Franjoão!”, respondeu Teodolinda, carinhosa. “Sabes como é a criadagem. Contam tudo lá fora. Ficava toda a gente a saber que comemos à mão. Temos de manter nossa consideração, percebes?”

Franjoão ficou a olhar para ela de boca aberta. Depois, honestamente, disse que sim, que percebia.

“Amanhã pedes desculpa à Soledade?”

Ele resmungou e não respondeu.

Mas, na manhã seguinte, quando foi tomar o pequeno-almoço, encontrou na mesa uma bandeja de mangas e pratinhos com talheres. Sentou-se, em silêncio, e começou a comer, olhando de soslaio para as cunhadas. Quando acabou, meteu os polegares no cós das calças e disse, como se não tivesse acontecido nada:

“Hoje estava a apetecer-me jagrada de lentilhas!”

Viu, de repente, quatro pares de olhos muito abertos em cima de si.

“Que gosto, mano Franjoão!”, exclamou Dejanira. “Jagrada de lentilhas!”

Ia a responder, mas Soledade cortou imediatamente a conversa pela raiz:

“Não pode ser. Hoje temos *ailé-belé!*”

“Não pode deixar isso para amanhã e fazer antes hoje a jagrada, mana Soledade?”, arriscou ainda ele, com a melhor das intenções.

“Não!”, exclamou ela, brusca. “Quem governa esta casa sou eu, é bom que não esqueça, Franjoão!”

Ele ainda tentou protestar:

“Então eu...”

“Isto são coisas de mulheres. Porque não vai agora fazer uma meia-dúzia de canudos para fumarmos logo, que os outros já acabaram?...”

E não tardou que Franjoão se visse a partir tabaco e a enrolá-lo em folha de bananeira. E pensava como podia uma mulher fumar aqueles canudos horríveis, que até a ele faziam tossir. Mas Soledade – chegara já a essa conclusão – era pior do que um homem. Enquanto ia enrolando as folhas de bananeira e alinhava os canudos já feitos na tampa da caixa de folha, recordava os dias felizes passados em Lourenço Marques, as boas patuscadas com o primo Miranda e o Pascoalito Noronha na Polana, que só acabavam às tantas da madrugada, os tranquilos fins-de-semana em Namaacha, os belos uisques com muito gelo para refrescar, à noite, no «Continental»... Lembrou-se de uisque e apeteceu-lhe. A cunhada andava nos fundos a fazer arrumações. Levantou a cabeça e perguntou, alto:

“Você tem uisque cá em casa, mana Soledade?”

Ouviu-a responder de dentro:

“Que diz, mano Franjoão?”

"Perguntei se tem uisque cá em casa!"
Soledade apareceu à porta de braços cruzados.

"Há, sim. Porquê?"

"Onde está?"

"Guardado. Que julga, Franjoão? Uisque não é para beber. É só para oferecer quando vêm visitas. Não esqueça que temos nossa consideração... E não toque no queijo nem na bolacha, ouviu? Eu ontem bem o vi a cheirar pelo armário! É só para visitas..."

IV

Margão é uma cidade pequena. Cidade comercial, de casas baixas, vivendas bem tratadas, com jardins e árvores de fruta. Destoa um pouco de Pangim – a capital burocrática – pelo seu movimento e actividade. Fábricas, estabelecimentos comerciais, exportadores, tudo isto dá à vida de Margão um ritmo acelerado, um pouco surpreendente nessas paragens tropicais. Mas nas casas antigas, de pedra maciça, escurecida pelo tempo, como conventos, as velhas famílias não abdicam das suas prerrogativas e a vida corre inalterável, como um rio que nenhum obstáculo pode afastar do seu curso. As velhas tradições continuam a manter-se, os orgulhos a alimentar-se, as prosápias a enaltecer-se.

Dias, semanas, meses, anos nada significam para os habitantes dessas velhas mansões, que não transigem com os droguistas enriquecidos que se pavoneiam pela cidade e vão para banhos a Colvá nos seus *chevrolets* reluzentes, novinhos em folha.

A vida dos antigos batecares continua a mesma, igual, inalterável, de há séculos, arrancando à terra o arroz nosso de cada dia com o suor do rosto dos manducares embrutecidos.

Franjoão não tardou a acostumar-se à sua nova vida. Passou a fumar canudos feitos em casa, a dormir longas sextas depois de se empanturrar com grandes pratadas de caril, habituou-se a comer sempre as mangas com talher, e só bebia o seu uisquecito quando vinham visitas. A falta de uisque constituía, de resto, o seu maior tormento, principalmente nos longos dias de monção, quando os látegos pesados da chuva o não deixavam sequer ir até ao quintal... Tinha então a sua garrafita de urraca no bolso para tomar uns goles às escondidas. Isso dava-lhe ânimo e consolava-o por dentro. Assim, a vida não custava tanto a passar e Franjoão enchia-se de estranhos estímulos vitais. Mana Soledade continuou a administrar a casa, a dirigir as propriedades, a regulamentar todos os actos da vida...

Até que um dia, ao regressar de uma visita ao mano Franxavier, que continuava a viver modestamente na casa paterna, Franjoão foi acolhido com grandes manifestações de júbilo. Teodolinda não estava presente. Mas havia lá ti Aureliano e as outras três, que o rodearam, com gritos histéricos:

"Mano Franjoão, já temos um herdeiro! Um sucessor para a casa!"

Ele recuou, atrapalhado:

"Um sucessor? Como? Como? Não percebo!"

"Sim, um sucessor...", gritaram.

Ele continuava sem compreender. Até que ti Aureliano deu dois passos em frente e o abraçou com força.

“Grande dia, amigo Franjoão, grande dia para todos nesta casa! Sinto-me feliz por ter sido eu o causador de tanta felicidade. E olhe que cheguei a ter medo que não batesse certo! Felizmente, tudo correu pelo melhor. Parabéns, amigo Franjoão, vai ser pai!”

Franjoão libertou-se a custo dos braços esguios do velho e encarou as cunhadas, ainda sem poder acreditar:

“Teodolinda...?”

“Esteve cá hoje o dr. Noronha. Diz que não há dúvida”, exclamou Dejanira, sufocada e muito vermelha.

“Voltou o avô Adeodato da Purificação do Santíssimo Sacramento Fonseca para salvar esta casa!”, exclamou Soledade solenemente.

“Fonseca?”, balbuciou atrapalhadamente Franjoão. “É Barreto? Vamos pôr os pontos nos is, ó mana Soledade. Se for rapaz, e Deus queira que assim seja, sabem quem é que ele representa? Francisco João dos Milagres Barreto, nome de meu pai!”

“Barreto?”, gritou Soledade, erguendo-se em bicos de pés, quase fora de si. “Não se esqueça que você aqui é genro-comensal. Seu filho vai ser FON-SE-CA e vai ter o nome do avô materno! Basta-nos um Franjoão na família!”

Franjoão baixou a cabeça e, tirando um canudo do bolso, meteu-o na boca, pensativo.

DHRUVA

Voltada para o Oriente, Dhruva cogitava no seu destino. Pela primeira vez desde o *tali*, sentia medo. Até aí tudo fora encantamento, um sonho belo, e receava que acabasse. Tudo a atemorizava, o boto, os convidados que devassavam familiarmente toda a casa, a sogra imperiosa, absorvente, o sogro, o *kākū*, todos, o próprio marido... Tivera um estranho arrepio ao sentir as mãos de Chandracanta atando, com três nós, o *tali* ao seu pescoço. Mas, ao mesmo tempo, admirava-se daquela sua reacção. Ainda mal tinha coragem de encarar aquele desconhecido que era agora seu marido, e não achava uma razão que justificasse o seu estado de espírito. As leis tinham-se cumprido, e tudo decorrera como sempre. Nada havia de estranho, de diferente. Lembrava-se de como se sentira a rapariga mais feliz da aldeia, ao saber, através do pai, que estava arranjado o seu casamento com um rapaz da família Dessai, uma das melhores casas do concelho, abastada, influente. Lembrava-se também do dia em que enfeitara a sua longa trança com *gelés* de *abolins* e *zaiêus* para anunciar o noivado aos parentes e amigos. Recordava tudo, a alegria dos pais, do tio, todos ansiosos e contentes; a inveja das raparigas da sua idade que, ao vê-la passar tão feliz, viravam-lhe as costas; os dias de encantamento que precederam o *tali*... Sonhos,

= kākū
Uncle

esperanças trêmulas, que davam lugar a esta sensação de estranheza perante o desconhecido.

Apesar de lhe ser já permitido olhar de frente o marido, Dhruva sentia algo irremovível entre eles. Não era só a presença dos convidados por toda a casa, não era só aquela comunhão de tanta gente à sua volta. Era qualquer coisa mais. Limitavam-se a trocar, de quando em quando, um olhar fugidio, que logo se alongava e se perdia por entre as visitas. Não conseguiam encontrar-se a sós, trocar uma palavra. Apenas o sorriso de Chandracanta a encorajava e a fazia sentir-se menos só. Pois Dhruva achava-se só, separada tão subitamente dos seus, para entrar numa nova família. É certo que se sentia segura, tão segura como se continuasse na sua própria casa, e sabia que era assim porque tinha que ser assim, mas não deixava de sentir uma saudade grande do seu quarto de menina.

Dhruva baixou a cabeça resignadamente. Ela tinha sorte, pois a família Dessai era uma boa casa e, além disso, sua irmã Nalini casara ainda mais nova do que ela, pois tinha apenas onze anos quando entrou para a casa Camotim.

Recordou toda a azáfama daquele dia e da semana que se seguiu, as mulheres da casa, as visitas que ficavam dias e dias, um turbilhão, e ela sempre a sorrir, de olhos no chão. E as mexeriquices, na cozinha:

“As jóias de Dhruva são todas verdadeiras”, repetia a sogra a todo o momento. “*Êi, sunê!* Dhruvabai, venha mostrar as suas jóias à família!”

E Dhruva obedecia prontamente àquela voz imperiosa, colocando-se no meio das mulheres, impassível, sob os olhos que a examinavam, a

devassavam. E depois tinha que explicar a origem de cada jóia: as pérolas e safiras vinham do ramo materno, os rubis da família do pai, aquela pulseira grossa fora oferta de *kākū*, estes brincos foram comprados... Ah, e este sari bordado a ouro vestira-o a mãe no seu próprio casamento e guardara-o expressamente para si.

E aquilo repetia-se sempre, interminavelmente. E Chandracanta?... Como num ritual, à hora das refeições, Dhruva ia, de cabeça baixa, colocar os pratos de metal defrente do marido, do sogro, do avô, do tio. Quando chegava a vez de Chandracanta, sentia que este não olhava para o prato, mas sim para as mãos que o amparavam, para as suas mãos de criança. E Dhruva sentia um carinho estranho brotar, tomar vulto, e apenas contemplava, de longe, o rosto do marido, do marido, do marido... Sempre que se encontravam, e Chandracanta começava a falar, era inevitável que logo alguém chamava:

“Eh, Dhruvabai! Eh, Chandracanta! Venham aqui, temos visitas. São pessoas da aldeia que querem conhecer a noiva.”

E eles apareciam, apenas sorrindo, em sinal de amabilidade, pois só os pais e o avô de Chandracanta falavam, intérpretes da vontade e da opinião dos noivos.

Tudo aquilo era normal, era assim, segundo os velhos costumes, e Dhruva, embora sentisse um temor estranho dentro de si, aceitava tudo com naturalidade e estava a adaptar-se ao seu novo lar. Mas o que não esperava, o que a deixou ofegante e paralisada, foi ouvir o sogro dizer para uma visita:

“É uma grande honra para todos nós. Quando Chandracanta voltar de Portugal será doutor!”

Dhruva sentiu uma vertigem. Tudo o que entendeu foi que o marido ia partir para longe, para longe, para muito longe... E viu erguerem-se montes e vales, planícies, mares, distâncias infinitas a separarem-nos! Mas não podia ficar triste, não podia mostrar-se triste, pois aquela era uma boa nova, sinal de felicidade e satisfação para a família. Espiou o rosto do marido e teve vontade de lhe fazer muitas perguntas, muitas... Porque não ia antes para Bombaim, que era muito mais perto? Porque ia para Portugal, país tão longe e tão diferente? Portugal, para Dhruva, queria dizer «distância», «separação», e até mesmo, quem sabe!, «descontro», volvidos tantos anos...

Despertou-a a voz ríspida da sogra:

"Ei, Dhruvabai, vá servir seu sogro e seu marido, pequena preguiçosa! Tanto trabalho tiveste a fazer este xacuti! Todos esperam a honra de serem servidos por ti..."

Dhruva baixou a cabeça, pegou nos pratos de metal e entrou na sala, onde os homens da casa estavam a conversar, sentados no chão. Aproximou-se levemente e, curvando-se, sem olhar para ninguém, entregou os pratos. Sentiu que o sogro a observava de soslaio.

"Vês como eu te dizia que ela seria uma excelente dona de casa!", disse ele para Chandracanta.

Dhruva limitou-se a sorrir inexpressivamente.

Todos se apressaram a provar o xacuti da pequena nora.

"Então, não comes?", perguntou o sogro a Chandracanta. E tocou-lhe levemente no ombro. "Não deves preocupar-te com Dhruva. Nós estamos

aqui para olhar por ela... Sabes que é para teu bem que ela e todos nós devemos sacrificar-nos, pois se tu fores doutor, grande honra para a família!"

Mas o avô não entendia as coisas assim. Porque iria o neto para tão longe, só para ser doutor? Não eram eles comerciantes tão conceituados, com influência? Tossicou, exprimindo o seu desagrado:

"Vahva!"

Um toque de insatisfação desenhou-se em todos os semblantes, pois sabiam que aquela expressão era a maneira característica de *âpây* ridicularizar alguém,

"Vahva, porquê? Não é uma honra ser doutor?"

"Vahva!", repetiu o velho, pondo-se de pé, lentamente, esticando os músculos das pernas e dos braços.

E Dhruva não pôde conter-se mais. Tapou o rosto com o *paló* para que não lhe vissem os olhos cheios de lágrimas e saiu a correr.

O velho murmurou de novo, mexendo a cabeça, lentamente:

"Vahva!"

Chandracanta, aflito, aproveitou a oportunidade para se levantar também. Atravessou apressadamente o pátio e parou à entrada do corredor, perscrutando o escuro.

"Dhruva!", murmurou. "Dhruva!"

Da esquerda pareceu-lhe ouvir um ruído abafado de choro. Virou-se, ansioso.

"Dhruva!", repetiu. "Estás aí?"

Deu, devagar, alguns passos no corredor escuro.

"Dhruva! Dhruva!"

ponta do
sari

candela hindu

A luz pálida de um *diutti* orientou-o. Parou à porta do quarto, hesitante. Ela estava encolhida e imóvel sobre o divã. Aproximou-se, com timidez. Tocou-a levemente na ponta do sari e, como se lhe faltassem as forças, ajoelhou-se a seu lado, beijando-lhe suavemente a face.

"Choras, Dhruva? Não te sentes feliz em casa de meus pais?", murmurou, e começou a soluçar, poisando a cabeça no peito dela.

Alarmada com aquela manifestação inesperada, quando, no fundo, esperava vê-lo numa atitude de respeito, senhor da sua posição de marido, Dhruva passou-lhe as mãos pelos cabelos.

"Chand, que tens? Chand! Sempre partes?"

"Sim, mas voltarei. E tu serás sempre a minha Dhruva para me guiar. Sabes o que significa Dhruva, não sabes, Dhruva? Dhruva é a Estrela Polar, e quer dizer Constante, Firme. Vou e volto, Dhruva, minha Estrela Polar menina..."

OCASO

A avó passou a ser um símbolo. Em vida era respeitada por toda a família e os manducares veneravam-na como a um ídolo providente e protector. E mesmo depois de morta, continuou a influenciar todas as nossas acções. Era ela, sempre ela, quem, do coval, continuava a dirigir as nossas vidas.

Durante muitos anos, sempre que algum de nós hesitava perante os enigmas do mundo, a nossa mãe, apossada do terrível medo de que se extinguísse em nós a chama que a avó alimentara, dizia, esperançada:

"Que a vossa avó vos guie, meus filhos!"

Estas palavras, pronunciadas quase religiosamente, estimulavam-nos como um elixir mágico que fazia remontar às velhas tradições brâmanes tão respeitadas na família. Então, sem darmos por isso, a avó ressuscitava e voltávamos a vê-la, sentada no cadeirão da sala de jantar, dirigindo a criadagem, animosa e serena, ou na propriedade, a assistir ao colhimento de cocos, que manducares cabisbaixos recolhiam para o godão.

Momento quase religioso era aquele em que, sentada à cabeceira da mesa comprida, a avó presidia ao chá. Ensinava-nos a sorvê-lo serenamente, aos pequenos goles, sem ruído. As visitas que aparecessem naquele momento eram convidadas

a tomar parte na cerimônia, sem que, no entanto, o ritual sofresse a mínima alteração.

Quando eu e os meus irmãos íamos a casa de algum parente, a Mapuçá, a Badém, ou a Pangim, recomendava-nos sempre discrição. Sabia que os adultos se serviam muitas vezes das crianças para indagarem sobre os interiores da casa.

“Não sei” é a melhor resposta quando lhes fazem muitas perguntas”, dizia, sorrindo com malícia.

A morte súbita do nosso pai em África deitou-a abaixo. Pode dizer-se que foi daí em diante que começou a envelhecer, como deliberadamente.

“Acabou-se a casa!”, repetia sem parar, no quarto do oratório, onde passou a ficar a maior parte do tempo, entre rezas, de olhos fixos na imagem do Coração de Jesus.

“Como pode nossa casa acabar, mãe?”, perguntava então Roberto, do alto dos seus dez anos delgados.

“Agora não te posso explicar...”, respondia a nossa mãe numa voz frágil, tão frágil como a sua estrutura de mulher indefesa. “Quando cresceres, *babá...*”

O primeiro ano que se seguiu à morte do nosso pai não trouxe nenhuma alteração à rotina familiar. Tudo começou quando, logo a seguir à monção, a morte arrebatou o membro mais imprescindível da casa. A avó faleceu!

Não me lembro da causa da congestão cerebral que a forçou a declinar de vez a sua responsabilidade. Só sei que morreu levando consigo a chama ancestral.

“Uma catástrofe, esta morte de mamã!”, exclamava minha mãe, procurando agarrar-se a qual-

quer coisa com força. Mas não achou senão o pânico do semblante dos quatro filhos.

Os catorze anos de Belinda não lhe permitiram entrar no âmbito da terrível situação em que nos encontrávamos, e muito menos ao meu irmão Roberto, então com menos dois anos. Lena e eu, as mais novas, apenas podíamos chorar.

O pesado lustre de cristal espargindo luz, o brilho das pratas, as loiças antigas amontoadas pelos aparadores e distribuídas pelas paredes, os móveis pesados, eram as únicas testemunhas da catástrofe. No meio daqueles objectos seculares, jazia o corpo inanimado da avó, marcando o fim de uma era.

Mais depressa do que se poderia supor, os manducares pressentiram o fim. Vieram devagar, em silêncio, sentindo-se desamparados com o desmoroamento da propriedade de que faziam parte integrante havia tantas gerações. Entraram no salão, encostados uns aos outros, com uma expressão de pânico, como em busca de protecção, e ficaram a olhar, calados. E, pouco a pouco, numa timidez ousada, começaram a ocupar as cadeiras dispostas em fila aos pés do catafalco, rezando em voz alta:

*Amcheá bapá, tum sorgar assai...**

Logo que os viu, Belinda veio a correr, indignada:

“Mamã! Mamã!”

“Não grite assim, *baí*, enquanto o corpo da avó jaz nesta casa!”, advertiu a nossa mãe, que desde o dia anterior estava acamada.

* Pai nosso, que estais no céu...

“Mamã, os manducares...”

“Não me digas que aconteceu outra desgraça!”, murmurou ela, fechando os olhos molhados.

“Os manducares sentaram-se nas cadeiras!”, informou a minha irmã, numa voz que não escondia uma indignação sinceramente sentida.

“Os manducares sen-ta-ram-se? Meu Deus, onde vou arranjar coragem para enfrentar tanta humilhação”, balbuciou a nossa mãe, caindo num profundo abandono.

O meu irmãozinho, que se encontrava junto da cabeceira, disse instintivamente:

“Vou já dizer-lhes que não podem ficar sentados!”

“Não, meu filho! Pior seria se eles te desobedecessem...”

“Mas eles nunca se atreviam a isso na vida da avó... Nem sequer se aproximavam quando se dirigiam a ela!”

Apoiada por Belinda, a minha mãe sentou-se na cama e começou a falar baixo, num murmúrio por vezes sem nexos. Muitas das suas frases ficaram para sempre na nossa memória. Mas só muito mais tarde, anos passados, quando a vida já nos tinha castigado duramente, só muito mais tarde, as entendemos totalmente.

“Nós não podemos evitar a catástrofe. Eu sei que eles não sentem em mim o fulcro essencial para a continuação da casa... Só vêm a mulher frágil que eu sou. Nunca consegui lidar com eles como a vossa avó, que bem se esforçava por me orientar na gíria da propriedade. O que eles precisam é de uma pessoa que os domine e lhes incuta confiança no futuro e eu... não passo de uma batecan indefesa!”

Ficou calada, hesitante, com um brilho no olhar que, por instantes, nos pareceu o da avó. Depois, puxando Roberto, pequeno e franzino, para junto de si, exclamou, quase com energia:

“Tu tens quatro mulheres a teu cargo, babá! Quatro mulheres, a propriedade, e oitenta manducares que depositam o futuro nas tuas mãos e que precisam de ser guiados. Grande responsabilidade a tua, meu filho. És um grande batecar, lembra-te sempre, babá! A avó confia em ti!”

O meu irmãozinho baixou a cabeça, como esmagado por aquela pesada herança, e não respondeu.

“Hás-de compreender, babá! Um dia hás-de compreender. Mas vai levar tempo, e nesse dia os manducares não mais se sentarão nas cadeiras desta casa...”

Mas todos nós, e também o meu irmão, sentimos que a nossa mãe já não acreditava. E para continuar é preciso acreditar.

ESPERANÇA

A chuva caía lá fora, em bagas grossas, encharcando a terra. Através do tecto baixo, tênues fios de água infiltravam-se e iam cair, monótonos, sobre o chão embostado. De cócoras, junto da porta, Pedrú olhava para o rio, sem se mover, e à sua frente a paisagem estava embaciada por uma cortina líquida. Além do barulho da água que escorria do céu, só se ouvia o roçar da pedra com que a irmã moía o tempero, um ruído igualmente triste. A mãe, agachada a um canto, resmungou baixinho. Mas Pedrú não entendeu o que ela disse. Continuou quieto, a olhar a corrente revolta do rio. De vez em quando, uma lufada de vento mais forte atirava uma bâtega para dentro de casa.

“Fecha a porta, Pedrú!”, murmurou a mãe.
“Faz frio!”

“Abafa-se, aqui dentro!”, respondeu o rapaz, inclinando o corpo para a frente.

“Abafa-se”, repetiu a velha. “Mas não é de calor...”

E calaram-se.

Eram as primeiras águas da monção, que obrigava toda a gente a ficar em casa. Pedrú abanou a cabeça com desilusão.

“Parece-lhe que devo ir, mãe?”

“Deve ir aonde, Pedrú?”

“Falar com Mitzi bai!”

A velha não respondeu. Morgorit continuava a moer o tempero, como se nada mais interessasse. Mas o ruído da pedra parou, de repente.

"Logo que houver uma aberta, é bom ir arranjar umas olas para reforçar o tecto", disse a rapariga. "As churtas estão ralas e deixam passar a chuva..."

Pedró não disse nada. Foi a mãe que respondeu, indignada:

"Alalala, Morgorit! Pedró não pode andar por aí a reparar o tecto. Se ele tirou o liceu é para arranjar um bom emprego..."

"Hus!", exclamou a rapariga. "Já estou farta de trabalhar e de ver Pedró passar os dias em casa sem ganhar..."

"Ele não quer ir para a várzea connosco, Morgorit", insistiu a velha. "Quer ser empregado do Governo."

A rapariga ficou calada e voltou a ouvir-se o roçar da pedra. Mas daí a pouco, tornou a falar:

"Eu trabalho, não é, mãe? Eu trabalho desde manhã à noite para Pedró tirar o liceu. Trabalho durante anos sem me queixar para Pedró ser um senhor importante como Robert bab. E depois Pedró não arranja emprego e eu continuo a trabalhar porque Pedró não pode ir para a várzea. Acha justo, mãe? *Ay, kata-kata!* E agora não tenho dote e vou trabalhar para Pedró poder ficar em casa, a fumar *viddi*. Quanto tempo mais vai ser isto assim, mãe?"

A velha remexeu-se no seu canto, intranquila. Ela compreendia as razões da filha. Compreendia que ela estava certa. Mas valia a pena o sacrificio por Pedró. Ele havia de arranjar um emprego. Era rapaz inteligente. Com um bocado de paciência...

Curvou-se e tocou levemente no ombro do filho. O rapaz estremeceu e desviou, por momentos, os olhos da chuva que caía lá fora.

"Vai! Vai falar com Mitzi bai, Pedró. Vai falar-lhe. Ela é boa batecan, há-de ajudar-te..."

"Mas eles são pobres, mãe. Tão pobres como nós. O que podem fazer? A Mogrém, mulher de Vitol, entrou há dias lá em casa e os viu a almoçar só apas com chá! São mais pobres que nós, mãe. Acha que Mitzi bai poderá...?"

A velha apalpou devagar um canudo com os dedos e meteu-o na boca. Depois acendeu-o e chupou uma fumaça.

"Mas são brâmanes, Pedró. Brâmanes muito velhos. Ser pobre não importa. Conhecem pessoas grandes todas de Pangim. Têm parentes gente do Governo. Primos de toda a gente grande, com influência. Estão pobres agora, mas já foram os maiores batecares de Orlim. Lembro-me ainda de ver Teresin bai na casa grande, com bonitos vestidos, a receber os *paclé*. E a mãe, Rogin bai, grande batecan. Gente muito generosa. No tempo dela nunca houve fome em Orlim. Havia arroz e coco para todos. Seu ^{remazem} *godão* estava sempre aberto para quem precisasse. Isso deitou-os abaixo. E as festas que davam também. Festas que duravam quatro dias, aonde vinham todos do Governo, mesmo Governador. Quando era nova, trabalhei na cozinha da avó. E o pai... bonito homem! Robert bab é a cara do pai, mas não tem aquele génio, não, é bom rapaz... Depois pai morreu, foram vendendo tudo, e avó morreu, e agora são mais pobres que nós, tens razão, mas não vês que ainda são nossos batecares? Toda gente ainda trata eles assim, porque são bons batecares. Muito diferente de

batecar Dias, que nos rouba só o corpo porque a alma pertence a Deus..."

Pedró lambeu os lábios molhados de chuva trazida pelo vento.

A velha continuou:

"Vamos rezar o terço, Pedró, para que Mitzi bai te arranje um emprego. Os sacrifícios que nós duas fizemos para que pudesses estudar o liceu serão recompensados. Lembra-te que és o primeiro de Orlim que estudou liceu. Isso deve encher-nos de orgulho. Valeu a pena todo sacrificio, não foi, Morgorit? Vamos rezar três Padres-Nossos por velha Rogin bai, para que repouse na paz do Senhor... *Amcheá bapá, tum sorgar...*"

Um ribombar forte de trovoada abafou-lhe as palavras. Os pingos de chuva começaram a cair mais grossos pelas churtas do tecto.

"À última hora é isto", exclamou Mitzi. "Roberto diz agora que não quer ir connosco, mãe..."

Teresa sorriu e olhou para o filho.

"Vá, Roberto, tua obrigação é acompanhar as irmãs. Não vê que têm de arranjar casamento?"

Mitzi, dezanove anos, trigueira, estava furiosa.

"Vamos perder a melhor festa do Clube Nacional por causa dele. E todo dinheiro que gastei neste vestido! Este rapaz agora prega-nos uma boa partida! Veja se há direito, mãe!"

"Elas andam só a dançar com os paclé e os meus amigos começam a falar", gritou Roberto, zangado. "São umas malucas..."

"Não acredite, mãe. Eu danço só uma vez ou duas. Lena é que dança mais. Mas isso que mal

faz? Olha", disse, virando-se para o irmão, "o que perdes é o bufete, que este ano dizem que é como nunca..."

Roberto foi sentar-se numa cadeira *voltaire* e ficou a baloiçar-se, sem olhar para Mitzi.

"Agora a Lena foi a casa de ti Jerónima, que tem muito jeito para arranjar o cabelo. Quando voltar, vai ficar furiosa, fica sabendo..."

Roberto continuou a baloiçar-se, sem responder. A mãe tinha saído para os fundos da casa. Os dois irmãos ficaram sós. Mitzi olhou, durante um instante, o semblante sério do irmão. Depois avançou para ele e sentou-se no chão, a seu lado. O rapaz não se moveu, fingindo não dar pela sua presença. Ela pegou-lhe na mão e ficou a acariciá-la.

"Lembras-te de quando morreu a avó, Roberto?", disse. "Tens razão. Todos ficámos muito mal e temos que ter muito cuidado para salvar o nome da casa, tens razão. Bem sei que esta gente está com os olhos postos em cima de nós a ver quando damos um passo em falso para depois se rirem a nossa custa. Bem sei que é muito difícil as raparigas pobres sem pai escaparem às más-línguas. Mas nós somos raparigas com juízo e temos-te a ti, que és o melhor dos irmãos. Pronto, vamos ficar em casa esta noite. Queres jogar cartas, Roberto? Vamos mandar chamar a prima Alzira e vamos divertir-nos a valer."

Roberto olhou para a irmã, espantado, sem compreender bem aonde ela queria chegar.

"Bem, eu... eu não disse bem isso. Só não gosto nada que vocês dancem com os paclé. Porque não dançam só com os nossos rapazes? Os paclé não têm moral e dão mau nome às raparigas, sabes bem!"

"Nisso tens razão", respondeu Mitzi, muito séria. "Nossos rapazes são tão diferentes dos paclé. Tu achas-me capaz de casar com um deles? Além disso, eles aqui fazem figura, mas quando estão na Europa são uns pelintras. E estúpidos, não reparaste ainda? Nossos rapazes são muito diferentes e quando casam é para toda a vida. Eles mudam de mulher como quem muda de camisa... Preferia casar com um sudra do que com um pacló! Ah, e a propósito de sudras, sabes quem é que cá veio há bocado pedir para lhe arranjarmos um emprego? Pedrú, imagina! Sim, Pedrú, filho do Salúbrancar*! Esta gente está insuportável. Como tirou o liceu, julga que é alguém e quer um emprego. Julgam-se iguais a nós, imagina. Apareceu com muitos bai-fai, a tratar-me como se fôssemos da laia deles. Pu-lo no lugar. Queria que pedisse ao primo Josinho para o meter na Fazenda, imagina! A mãe e a irmã andam na várzea e ele julga-se um senhor só porque estudou o liceu. Não achas que é descaramento?"

Roberto acenou com a cabeça gravemente, concordando. Depois virou-se para a irmã:

"Bem, vai arranjar-te. Sempre queres ir ao baile, não queres? A Lena quando vem?"

bai-fai = with lots of exaggerated compliments

* Salú, o que gosta de vinho branco.

PADMINI

Pangim vestia-se de festa com a aproximação do Ganês. Acorria gente de toda a parte, mesmo da União Indiana, enchendo as ruas e as lojas de panos coloridos. Homens ^{black, red} tññados, de *puddvém*, ^{Hindu sarong} batiam os mercados; mulheres delgadas, de saris berrantes, cobertas de manilhas de oiro, cucume bem rubro, adornavam-se com colares de ^{blue, orange} zaiêus e compravam guloseimas. Pangim transformara-se numa aguarela estranha, mergulhada em aromas vivos de betle e chondor-vatt.

O tenente Gama virou-se, a rir, para João Fidalgo:

"Porque não vais ver o Ganês a casa do Sirvoicar? Aí tens tu uma rica oportunidade para encontrares de novo a tua flor de lótus."

João Fidalgo abanou a cabeça, decepcionado, fitando o amigo.

"Achas que posso ir a casa do Sirvoicar?"

"Não te parece?", respondeu o outro com um riso impudico.

João Fidalgo recordou aquela manhã, que já lhe parecia tão distante, em que embarcara, com a impaciente antevisão de um mundo diferente. Voltou a ver aquele rapaz esguio e nervoso que lhe aparecera à frente, pouco antes do navio levantar ferro.

"É o capitão Fidalgo? O senhor é o capitão Fidalgo?"

Gaguejava, atrapalhado, sem poder explicar-se, lançando ao mesmo tempo olhares fugidios para o navio, em cuja amura os soldados se apinhavam, acenando. O Dr. Fidalgo (o tio, o que era professor na Escola Médica) dissera-lhe que o procurasse antes do embarque. Era só uma lembrança. Uma pequena lembrança para o pai e para a irmã. Não se importava de levar?

Depois, enquanto o navio se afastava, ficou a ver a figura magra e morena do rapaz, hirto, no cais, confundindo-se a pouco e pouco, até desaparecer, dando lugar apenas à mancha esbranquiçada da cidade diluída.

Recordou tudo aquilo, e, depois, meses mais tarde, o seu desespero ao dar com a encomenda esquecida numa das malas ainda por abrir. No atordoamento dos primeiros contactos com aquela terra estranha, esquecera totalmente o rapaz hindu que lhe entregara o embrulho à partida.

“É só uma lembrança para o meu pai e a minha irmã...”

E, no olhar, uma nostalgia sem tempo.

Quase três meses haviam passado desde que partira de Lisboa e viu-se de novo com o embrulho nas mãos, sem se decidir: «Dr. Sirvoicar, Rua Cunha Rivara. Pangim».

Então, João Fidalgo recordava tudo de novo. O Dr. Sirvoicar, de puddvém alvíssimo, delicado, e os olhos negros e adormecedores de...

“Padmini!”, dissera Sirvoicar, antecipando-se.

Falara quase bruscamente, ansioso, como temendo alguma catástrofe iminente.

“Padmini!”, repetira. “Quer dizer mulher-lótus!”

Fez uma pausa, como a perscrutar-lhe a alma. E continuara, olhando para fora, para a grande mangueira do quintal.

“Padmini, a quarta e última fase por que passa a alma feminina antes de se fundir no seio de Brahma!”

Gostaria de lhe ouvir a voz, nem que fosse num simples «bom dia» murmurado. Mas a voz de Padmini era sorriso. Apenas sorriso. E diferente, fundo, e tão íntimo que o deixara pouco à vontade, sem saber onde pôr as mãos e os olhos. Qualquer outra rapariga ter-lhe-ia dito com desenvoltura: «É um prazer tê-lo entre nós», ou qualquer coisa parecida. Padmini sorria apenas. «Um sorriso milenar», pensou João Fidalgo. «Velho e sagrado como aqueles ídolos com forma de animais...»

E o Gama a recordar-lhe tudo, com uma crueldade inconsciente:

“Porque não vais ver o Ganês a casa do Sirvoicar? Ai tens uma bela oportunidade...”

«Mulher-lótus envolta no sari branco, com flores nos cabelos longos...», pensou João Fidalgo, recordando aquelas tardes lentas e escaldantes passadas no ^{restaurante popular} ~~irani~~ ao fundo da rua, donde se adividavam as paredes sujas da casa de Sirvoicar, que parecia um fortim inexpugnável e sereno. E espantou-se por ter pensado «a casa de Sirvoicar» e não «a casa de Padmini». A casa de Sirvoicar, velha e escura como aquela mesma terra fervente que pisava. Recordou as tardes de espera ansiosa e trémula, que às vezes o fazia rir alto, atirando-se para trás, histérico, porque sentia que estava a ser estupidamente lamecha, como um bigodaças romântico do século XIX a espreitar de longe a mulher amada, a suspirar por um só olhar fugidio, fugidio

como aquele chá escaldante que dessedenta e adormece os sentidos como um narcótico... Recordou o irani e o rapazito hindu que o servia, o irani, seu posto de observação. Posto inútil, de esperas longas, nunca cumpridas. Apenas sorvia aquele chá quente e aromático, que refrescava...

"Aí tens uma bela oportunidade para veres outra vez a tua flor de lótus", repetiu o tenente Gama, com o seu tom irónico, um pouco duro.

"Achas que posso ir a casa do Sirvoicar?"

"Não te parece?"

João Fidalgo virou a cabeça.

"Se queres ir, não precisas de convite para nada, há! É o Ganês!"

E, como se o olhasse interrogativamente, prosseguiu:

"Mas vê bem no que te metes, pá! Ainda estás muito cru nestas coisas da Índia. Se julgas que consegues levar a garota à certa, desde já te digo que tires daí as ideias, há! As miúdas hindus não casam com a malta, fica sabendo. Os casamentos são arranjados pelos pais e só entre gente da mesma casta. E qualquer ideia de velho namoro à alfacinha não pega, fica desde já a saber. Vê se metes isto bem na cachimônia, ouves?"

"Queres tu dizer?... ", balbuciou João Fidalgo.

"Quero dizer", desabafou o tenente Gama, "quero dizer que a respeito de garotas nesta terra a gente não se safa. A não ser com as galdérias, claro, mas as galdérias são iguais em toda a parte e só servem para passar o tempo. E o pior é que ficamos com água na boca..."

Tinham andado quase toda a distância do Campal. Sentaram-se num dos bancos. João Fidalgo baixou a cabeça.

"Pois é...", murmurou. "Com Padmini tudo aconteceu de maneira diferente. E olha que eu tenho experiência de mulheres. Mas Padmini... Serena, contemplativa, só me inspirou ternura e respeito..."

"Claro, isso acontece com todos. Uns levam mais tempo, outros aprendem mais depressa. Mas acabamos por perceber que esta gente tem tradições e raízes que devemos aceitar... e respeitar!"

O Sol caiu ao longe, quase bruscamente. João Fidalgo pôs-se de pé.

"Sempre vais ao Ganês?", perguntou o amigo.

"Não! E quero dizer-te que as tuas palavras não foram novidade para mim... Li-as no semblante sereno do Sirvoicar. Quando me dirigi a Padmini, o pai antecipou-se e respondeu em seu lugar, levantando uma barreira que senti intransponível. Ele reparou em qualquer coisa no timbre da minha voz, no brilho dos meus olhos. Não sei... Antecipou-se como se quisesse evitar um sacrilégio. E até conseguiu impedir que ela própria me dissesse o seu nome."

"Então nem chegaram a falar?"

"Não!", respondeu João Fidalgo. "Foi o Sirvoicar quem falou tudo. Nem sequer me foi permitido escutar a voz que adivinhei..."

O FUTURO E O PASSADO

Aquilo aconteceu quando o lotação entrou no túnel e as luzes, por qualquer motivo imprevisto, não funcionaram.

Carlos Siqueira olhou para a frente e, pelo pára-brisas, viu só um ponto branco ao longe, que começou a aumentar, a aumentar... Era, sem dúvida, a outra boca do túnel, a que dava para Princesa Isabel, mas naquele momento não se lembrou. Viu apenas à sua frente um minúsculo ponto branco, longe, ao fundo do negrume, e crescia, crescia... Claro que não tinha nada de invulgar ou de especial, e certamente já lhe acontecera o mesmo outras vezes, mas nessa ocasião, por um seu estado de espírito muito particular, foi o ponto de partida para aquele regresso.

Já essa manhã, no escritório, sem saber por quê, Carlos Siqueira lembrara-se da aldeia natal. Fora uma recordação brusca, impressionante. Mas sacudira a cabeça, concentrando-se na papelada que tinha à frente. Não tardou, porém, a ficar de caneta parada, o olhar fixo na parede branca do outro lado. Já quase não recordava a aldeia natal, mas passava-lhe pela mente toda a vida que viera a seguir, depois que abandonara a velha casa dos pais... Reviu, por instantes, os tempos duros de Nairobi, a explorar o preto sem piedade, na esperança de voltar, com o sonho de poder um dia re-

fazer a casa paterna, dar dote às irmãs, passar o resto dos seus dias na velha pátria... Reviu a queda de todos os seus sonhos, os sobressaltos, a fuga para Lourenço Marques, e depois a América, Nova Iorque, Los Angeles... a Caroline! Nesse momento, Carlos Siqueira voltara de novo a si e concentrou-se no trabalho. Não podia pôr-se com sentimentalismos. O passado era o passado. O presente também era passado. Só o futuro interessava. Lhe interessava. A entrada do sócio, do Menezes, desviara-o de vez dos seus pensamentos, impedindo-o de os analisar. Durante quarenta e cinco anos fizera precisamente o mesmo, abriera caminho à força sem olhar para trás, esmagando tudo o que se lhe opunha. Nos seus momentos de solidão, em que fora forçado a enfrentar-se sem subterfúgios, como quando Caroline morrera esmagada na 53rd avenue, às vezes surgiam-lhe vagas imagens soltas, dispersas, vindas de longe, das suas profundidades. Mas Carlos Siqueira calcava-as, obrigava-as a desaparecer pela força de mais fortes interesses. Durante perto de quarenta e cinco anos destruíra o passado. Mas esse dia, quando o loteamento entrou no túnel e as luzes não se acenderam, o passado veio até ele. Aquele minúsculo ponto começou a crescer, a aumentar, e ocupou-lhe todo o cérebro. Quando, de súbito, entraram na praça Princesa Isabel e viraram para Barata Ribeiro, a luz bateu-lhe de chapa nos olhos, ofuscando-o e tapando-lhe, de improviso, o futuro que procurava raivosamente para opor às recordações despertas. Então Carlos Siqueira teve uma total sensação de fracasso. Sentiu que aquele futuro, o seu futuro, o seu presente de agora, nada tinha que ver com o futuro do Carlos Siqueira que, ha-

via mais de quarenta anos, abandonara Goa com um feixe de ambições definidas. E sentiu bem no fundo de si, que falhara, que vendera as suas ambições de então em troca de nada...

Esquecera tudo, todo o passado, e o próprio futuro. Esquecera a casa paterna, a velha aldeia, as irmãs que, certamente, durante anos, esperaram o dote prometido para se casarem... Tudo ficara para trás, mesmo o futuro então sonhado. E em troca de quê? Em troca... Carlos Siqueira levantou-se mecanicamente. Era o posto quatro, a sua parada. Desceu rotineiramente, como todos os dias, e caminhou devagar pelo passeio. E desejou ardentemente estar em Goa, rever a velha casa... Quarenta e cinco anos! A velha casa... E as irmãs... solteiras ainda. Poderia voltar ao encontro do futuro que sonhara. Poderia voltar atrás. Tinha dinheiro de sobra. Surgiria como um génio brincalhão ou uma fada boa madrinha e faria todos felizes. Faria obras na velha casa, daria dinheiro às irmãs, faria... Não sabia... Já não sabia o que poderia fazer! E então foi ele quem tentou recordar, chamar o passado ao seu encontro. Tentou recordar a velha casa, as ruas esburacadas da aldeia, os manducares tristonhos, os curumbins, as suas canções alegres... De que lhe servia ser rico, de que lhe servia ser uma pessoa importante numa terra que não era a sua, onde não havia ninguém com quem tivesse brincado em criança?... Tentou chamar o passado, mas o passado não respondeu. O que vinha até ele eram umas sensações baças que o decepcionavam.

Subiu a escada, curvado. E, pela primeira vez, sentiu-se velho. Os seus sessenta e sete anos caíram-lhe bruscamente sobre os ombros. Meteu a chave à porta. A mulata veio a correr.

“Siô Siqueira, chamam ao telefone. Ia dizer que não estava agorinha mesmo, quando ouvi entrá.”

Carlos Siqueira fez que sim com a cabeça e pegou no telefone.

“É você, Siqueira?”, ouviu o Menezes perguntar, apressado. “Oiça lá, meu velho, estou agora mesmo com o Leopoldino, aquele cara de Curitiba, sabe? Você si lembra daqueles terreno pra loteamento que vimos há três meses em Jacarépaguá? Aquele que quisemos comprar! Pois o Leopoldino quer vender e só pede nove milhão! Si lembra das contas que fizemos, Siqueira? Dentro de quatro ou cinco anos dá uns vinte milhão pelo menos. É um grande negócio. Uma oportunidade única. Você tem um sócio que é um água, seu Siqueira. É um grande negócio. Quer qui compre?”

“Compre!”, respondeu Carlos Siqueira, desligando.

INCERTEZA

Mas o Sousa não percebia bem aquela pressa do Olavo Silva. Talvez o próprio Mello lhe tivesse sugerido aquilo e o estava a usar como intermediário. De facto já tinham conversado sobre a hipótese do casamento da Angélica, citando nomes de diversas possibilidades, como o Álvares, o Costa Pinto e o próprio Mello. Naturalmente todos eram de boas famílias, bem colocados, com propriedades. Mas não se podia ter a certeza de nada. Claro que eram famílias conhecidas mas, quando chegava o momento de casar as filhas, às vezes tinham maneiras muito habilidosas de esconder ruínas e disfarçar misérias para não prejudicar as possibilidades de encontrar um bom partido. Porque um pai não pode sentir-se tranquilo enquanto não casar as filhas e as deixar bem colocadas. É tão mal visto que uma rapariga fique solteira. Mas pior ainda era começar as negociações e depois a proposta ser recusada.

Por isso estava ainda desconfiado e fechava muito os olhos, manhosamente, para ganhar tempo. Entretanto ia pensando, ia avaliando as manhas do intermediário, que às vezes se fazia com a outra parte para aparentar uma situação pouco real. Mas o facto é que ele tinha esperado, tinha ido adiando, na esperança de encontrar um bom partido para a filha e agora já não podia deixar

escapar outra oportunidade. Por isso, decidiu-se e foi ter com o amigo.

“Então por cá?”, exclamou o Olavo Silva.

Pela casa corriam crianças excitadas com a visita e vinham até à porta espreitar.

O Silva sabia o motivo daquela visita inesperada e por isso foi directo ao assunto, enquanto se dispunha a arrumar, ao mesmo tempo, os papéis e documentos que se encontravam espalhados sobre a sua mesa de trabalho. Mostrando-se interessado e com um ar confidencial, disse:

“Quer casar a filha, não é assim?”

Foi directo ao assunto para que o Sousa não pudesse retroceder:

“O Mello é um bom partido, não lhe parece? E eu sei de boa fonte que se quer casar. Mas não é uma pessoa fácil de convencer. Há-de querer garantias. Conheço-o bem. Defende-se, claro. Há famílias que têm filhas solteiras que não querem outra coisa senão casar com ele.”

Passou a mão pela testa como se fizesse um esforço para avaliar a situação.

“Diga-me cá, quanto é o dote da sua filha? Ele há-de querer saber, como deve compreender.”

O Sousa não se deixou desarmar. Ouviu um ruído à porta e reparou que a empregada entrava com dois refrescos e aproveitou o momento para tossir longamente como se alguma coisa lhe estivesse a arranhar a garganta.

“É um bom dote, pode estar descansado. Mas além do dote, a Angélica também leva outras coisas para o novo lar. Bem sabe que tem um curso de piano! E é uma boa dona de casa. Não é só uma mulher que se case à espera de ter filhos.”

“Isso agora! Depois, quando começam a ter crianças, esquecem tudo. A única coisa realmente certa é o dote”, comentou o Silva, tentando tirar importância aos estudos de piano.

“Ela realmente nem está muito interessada em casar”, voltou à carga o Sousa, procurando encontrar uma posição em que pudesse regatear.

E como o outro levantou um braço num gesto quase de dúvida, acrescentou apressadamente:

“Mas o problema, de facto, não é esse, claro. É preciso que se case para manter o respeito da família. Uma rapariga solteira... Bem, não sei se compreende...”

“Sim!”, disse o outro, abanando a cabeça. “Mas o Mello vai exigir um bom dote. Gostava de saber exactamente quanto é o seu dote. Porque o Mello já começou a fazer uma selecção... defende-se, sabe como são as coisas! Mas se o dote da sua filha for jeitoso, não me admirava nada que aceitasse a sua proposta.”

O Sousa impacientou-se, fez uma careta e gritou:

“Eu cá sou rico e a minha filha tem um dote bastante respeitável. Vai ou não vai levar a minha proposta?”

“Vou, sim, vou! E logo à tarde passo pela sua casa e prometo trazer-lhe a resposta que você espera.”

Quando se despediram, o Sousa tinha ainda muitas dúvidas, que não conseguira esclarecer. Tinha a impressão de que certos aspectos importantes não tinham sido discutidos não sabia porquê. Queria voltar atrás e saber tudo esmiuçado

mas, ao olhar para o relógio, viu que já era a hora do almoço: «A Delfina deve estar ralada com a demora», pensou, e resolveu apressar o passo.

Quando chegou, havia um automóvel diante da porta de casa. Teve uma sensação de alívio ao ir encontrar o Silva que o esperava. Mas este, num impulso repentino, disse que não se demorava nada e necessitava apenas de dados mais concretos... precisava de saber se o contrato matrimonial seria feito com comunhão de bens.

“Essa agora! O contrato tem de ser feito com separação de bens! O que é que ele quer?”, perguntou, ainda desconfiado.

“Nesse caso, vale mais desistir, acho eu. O Mello não aceitará um contrato matrimonial que não seja com comunhão de bens!”

A mulher do Sousa não se aguentou e entrou no salão subitamente. Meteu-se na conversa, pensando que talvez fosse possível salvar a situação:

“Dizem que o Mello ganha bem. Além disso, é uma família rica e tem propriedades.”

O Sousa virou-se para a mulher com firmeza:

“Sim? Mas lembra-te que agora o que está em jogo é o dote da nossa filha, da Angélica. A única condição que proponho é uma separação de bens.”

O Olavo Silva calou-se, um pouco hesitante, mas não se deu por achado. Olhando para o relógio, tentou retomar o seu papel de intermediário apressado:

“Lamento muito, mas não posso ficar mais tempo. Pensem no assunto e depois digam-me alguma coisa. E, que tal outro candidato que não seja o Mello?”

Começara a chover. Ouvia-se o bater das gotas contra os vidros da janela. As coisas ainda estavam no princípio e havia que esperar muito até que surgisse um bom partido.

TYÁTR

Quando o batecar Dias e a mulher chegaram, já o espectáculo tinha começado. Faziam isso de propósito, que era preciso mostrar sua consideração. Gente fina chega tarde e não podia desaproveitar a ocasião para mostrar quem era. Além disso, o batecar tinha a certeza de que duas cadeiras lhes estariam reservadas bem à frente, para assistir à paródia com comodidade. Por sua vontade, D. Serafina, a mulher, teria ido muito antes para ver tudo bem e falar com as mulheres. Mas compreendia que o marido tinha razão. Não se podia afrouxar, que os manducares andavam altanados e, se não davam respeito, não sabiam o que havia de ser. Andava o mundo de pernas para o ar, tudo fora do seu lugar, e pouco faltava para que manducares e batecar tudo fosse a mesma coisa. Não enquanto ele, Inácio Dias, vivesse, disso podiam ter a certeza. Em suas terras nada de abusos. Tu és tu, eu sou eu, cada coisa em seu sítio. E sempre que estes ^{mulheres atrapalhadas} lambisgoios ^{que tinham} ido para Bombaim apareciam por lá todos aperaltados, de casaco e calça, com vergonha de ^{longo}langotim e muito bem penteados, rua logo com eles. Ali não queria destas coisas. O bichinho da bosta nunca fica na bosta, hã? Bem sabia como viviam por lá, quinze ou vinte no mesmo quarto, como formigas, para poupar, para amealhar e fazerem

depois figura em Goa como se fossem senhores importantes. Para ele, Inácio Dias, o maior batecar de Orlim, aquilo não pegava. Para ele, por mais brilhantina que pusessem no cabelo, não deixavam de ser seus manducares ou filhos de seus manducares, Severin, Xaiér, Antú...

Era preciso ter mão, não se deixar ir abaixo. Por isso chegava tarde. "Gente fina chega tarde", dissera para a mulher. Mas logo que chegaram, franziu a testa. Pressentiu grossa patifaria. E agora não podia hesitar, pois tinha sua consideração e não podia afrouxar. Pegou no braço da mulher e começou a furar. Empurrava, metia a mão, o joelho, mas mal conseguia progredir. Sentia uma resistência passiva da parte de todos para não os deixarem avançar. E, de repente, ouviu um grito:

"Hôy!"

Virou a cabeça, atarantado, à procura da origem do protesto. Mas logo de outro lado, nova exclamação:

"Hus!"

Olhou em frente, tenso, desconfiado. E outra voz gritou, disfarçadamente:

"Se quiserem ficar de pé, vão para trás!"

Ainda tentou descobrir o atrevido, mas, no meio de tanta gente, como era possível? Estava furioso, esbracejava, dava repelões à mulher, que, apesar de tudo, tentava espreitar para o palco, para ver o que se estaria a passar. D. Serafina gostava muito de tyâtr. Principalmente das partes picantes, quando eles punham em cena as coisas da aldeia, os arranjinhos, as bebedeiras, os sarilhos com as heranças, tudo. Às vezes havia coisas engraçadas, como aquela de Paulú, a quem a mulher fugiu com um chofer e o deixou com quatro

filhos. Todos os anos o próprio Paulú ia ao tyâtr representar o seu papel e criticar a mulher. Um ano até a mulher assistiu. Que descaramento!

D. Serafina gostava muito de tyâtr. O marido, porém, estava enfurecido. D. Serafina reconhecia que ele tinha razão. Mas não podia ter um pouco de paciência? O batecar Dias estava prestes a rebentar. Seus manducares fazerem-lhe uma coisa destas! Seus manducares, a ele? Deviam todos vir recebê-lo, todos eles, actores e todos, seus manducares. Sem poder dominar-se, deu um puxão à mulher e exclamou:

"Isto é de mais, Serafina! Vamos embora antes que ultrapasse os limites!... E amanhã vou ajustar com Gustin!"

A atitude do marido desiludiu D. Serafina, que não queria regressar a casa sem ver o tyâtr. Tanto mais que pouco se distraía. Mas não podia deixar de concordar com o marido. Onde se viu batecar ser tratado assim? Inácio tinha toda a razão, claro. Deviam impor-se logo e a maneira mais airosa seria retirarem-se imediatamente. Mas, por outro lado, D. Serafina achava que seria disparate grande perder tyâtr de graça. Além de que isto era só uma vez por ano, e tinha piada, pois todos actores eram seus manducares, gente conhecida da aldeia.

Virou-se para o marido:

"Ó Inácio, porque não vais falar ao Gustin? Dizem que ele é o promotor. Talvez não saiba que estamos aqui!"

"Eu, falar ao Gustin? Nem pensar nisso! Hoje ele é actor, mas amanhã volta a ser nosso manducar... Então veremos! Veremos!"

E ia continuar na sua zanga contra Gustin, mas a orquestra começou a tocar o hino. O pano

subiu outra vez e D. Serafina pôs-se em bicos de pés para ver melhor.

"Olha, o Gustin, Motí, Pedrú... Outro quem é? Parece Venctexa."

Mas o marido continuava zangado. E murmurou, em voz muito baixa, para a mulher:

"Vês a bázõfiã deles? Não têm onde cair mortos, mas quem os veja vestidos de *smoking* dirá que são uns senhores!"

Absorvida na melodia e na letra do hino, ao mesmo tempo que se esforçava por tomar uma posição mais cómoda sem que ninguém protestasse, D. Serafina respondeu com ingenuidade:

"Mas como querias tu que eles se vestissem? Certamente não esperavas vê-los de langotim no palco!"

O marido olhou para ela de olhos muito abertos, sem compreender. Mas a voz de Gustin sobressaiu, de súbito, e ela pôs-se a prestar atenção:

*Porzollite tujim vhadd kãm
Distat sorguinchim nekhtram
Tuca D. Ana nomoscar kortaum
Amim ani soglo Orliche gamv.**

O batecar Dias quase deu um salto e a sua indignação aumentou ainda mais. Mas que história era esta de enaltecerem sempre a D. Ana, que morrera há mais de um século? O batecar, e D. Serafina, agora também, sentiam-se profundamente

* Tão brilhantes as vossas acções
Como as estrelas do Céu,
Aceite, D. Ana, o nosso louvor
E de toda a aldeia de Orlim.

irritados. Que pensavam seus manducares? Louvor deviam fazer a ele, que viviam em suas terras!

"Parece que nunca mais se esquecem da D. Ana! Todos os anos, o hino é a D. Ana! Estou a sentir-me farto da D. Ana!"

"O que teria ela feito por esta gente para que tanto se lembrem dela?", perguntou D. Serafina. Cheia de curiosidade, como lhe acontecia todos os anos por ocasião do tyátr, insistiu:

"Ó Inacinho, o que fez a D. Ana?"

Apesar de reconhecer a fraqueza de memória da esposa, ele mostrou-se aborrecido por ter de explicar tudo outra vez:

"Ó Senhor! Quantas vezes já lhe disse que D. Ana é uma benfeitora desta aldeia e que deixou algum dinheiro para a confraria de Orlim?"

E, vendo que o hino terminara e antes que chovessem novos protestos, deu uma cotovelada na mulher, em sinal de retirada. Aborrecida, D. Serafina lá foi atrás do marido, furando até se libertarem da multidão. Quando se apanharam livres, respiraram fundo.

"Irra! Que gente!", exclamou Inácio Dias, humilhado. Mas, ao virar a cabeça, deu de cara com Gustin a beber uma soda junto dum vendedor ambulante. Enrugou a testa.

Sem tempo para se escapar, Gustin baixou a cabeça, respeitosamente:

"Também batecar e batecarina vieram ver nosso tyátr?", perguntou humildemente.

"Viemos em atenção a vocês!", exclamou o batecar, furioso. "E vocês não sabiam que deviam guardar duas cadeiras para nós?"

"É verdade, batecarina, queiram desculpar-nos... Pediram as cadeiras para os músicos."

Ante aquela desculpa coerente, D. Serafina tentou conciliar a situação no seu próprio interesse de assistir ao tyâtr e disse, amavelmente:

"Arranje-nos pelo menos um banco, sim? Nós não ficamos até ao fim."

"Um banco? Num banco não me sento eu!", berrou o marido, fora de si. E, virando-se para Gustin, ordenou: "Ó Gustin, vá já a minha casa e traga duas cadeiras!"

Gustin baixou a cabeça de novo e deu um passo em frente. Como podia ser, se tinha de entrar na cena seguinte, logo depois do polquista? Como podia ser?

"Batecar..."

"Vá, Gustin, vá! Não demore muito, que estamos aqui muito tempo de pé."

Gustin recuou, sem responder e, humildemente, desapareceu a correr, mergulhando na noite.

E nisto a orquestra arrancou estrondosamente e uma gargalhada unânime se ergueu. E Paulú, o polquista, surgiu no palco, ligeiro e dançarinhando. Ia contar, como cada ano, mais uma vez, a sua triste história.

FIDELIDADE

"Porque não ficamos aqui esta noite?", perguntou a Luísa, logo que acabou de retocar o batom. "Podíamos mandar vir qualquer coisa para comer..."

Chandracanta não respondeu. Estava junto da janela, a olhar, lá fora, através da cortina, os paralelepípedos da rua.

"Não me está nada a apetecer voltar para a pensão", continuou ela. "Com este frio, é triste dormir só, não achas?"

Ele continuou a olhar a chuva miúda que caía, quase imperceptível. As pessoas passavam, apressadas, de golas levantadas, silenciosas.

"Chandra!", exclamou ela, virando-se. "Não me ouves?"

O rapaz estremeceu, como se acordasse de um sonho, mas ainda não respondeu. Continuava parado ao pé dos vidros. Luísa atravessou o quarto descalça e abraçou-o pelas costas.

"Chandra", murmurou. "Já te disse que o teu nome me faz lembrar a fala de uma criança? Chandra! Vês? Nunca tinhas reparado?"

Chandracanta sorriu e agarrou-lhe os braços, virando-se. Mas a Luísa não gostou da sua expressão. Tinha um ar triste e pesado, como se estivesse muito longe.

"Lembras-te do nosso primeiro encontro, Chandra?", perguntou.

Ele franziu a testa e levantou a cabeça, estranhado.

"O nosso primeiro encontro?", repetiu.

"Sim. Não te lembras? É claro que já nos tínhamos visto antes lá na Escola, mas aquela vez foi o nosso primeiro encontro, encontro. Lembras-te?"

Chandracanta esboçou um sorriso leve.

"Na aula..."

Ela deu uma gargalhada:

"Isso mesmo. Na aula de Anatomia. Falámos da tua terra e contaste-me aquela anedota..."^{story?}

"Que anedota?", quis saber ele.

"Como és esquecido! Que em Goa estudam Anatomia em bonecos porque os estudantes se recusam a cortar cadáveres. Que engraçado! O que te havia de vir à ideia!"

Chandracanta largou-a bruscamente e deu dois passos no quarto. Ficou de pé, junto da cama, de mãos nos bolsos, pensativo. Depois sentou-se. Ela ficou à sua frente, sorrindo.

"É verdade," disse ele. "Nós, os orientais, temos um conceito muito elevado do homem para ousarmos tocar em cadáveres."

Ela soltou uma risada. ^{She laughed at him.}

"Não me digas que é a sério!", exclamou.

Chandracanta suspirou.

"Há muitas coisas que não podes entender. Não tocamos em cadáveres, não comemos carne..."

"As vacas sagradas! Sempre é certo que vocês adoram as vacas?"

"Em certo sentido."

Luísa foi sentar-se ao seu lado, na beira da cama. Ficou um momento calada, a olhar para ele. Depois, sem uma palavra, levantou a saia e começou a esticar as meias.

"Fala-me da tua mulher", disse, daí a pouco. "Dizes que tem catorze anos? Que engraçado! Quer dizer que vocês casaram e não... Como se chama ela?"

"Dhruva!", murmurou Chandracanta. "Dhruva!"

"Dhruva!", repetiu ela. "É um nome esquisito. Parece um barulho feito com a boca. Mas não me desagrada. Dhruva, Dhruva, Dhruva... Com o tempo, acabamos por encontrar-lhe uma certa beleza. Mas catorze anos! Claro que vocês não..."

Chandracanta teve um sorriso contrariado. ^{wanky}

Luísa continuou a falar:

"Catorze anos, meu Deus! Não há direito. Não passa de uma criança! Que sabe uma rapariga aos catorze anos?"

"Sabe uma coisa pelo menos", murmurou Chandracanta.

"Uma coisa?"

"Continuar."

"Continuar?", perguntou ela, franzindo a testa e fitando-o nos olhos.

"Há muitas coisas que não podes compreender", disse o rapaz.

Ela estendeu uma perna, esticando bem a meia e largou a falar:

"Mas, catorze anos! Claro, não admira que andes por aí... Um casamento desses não tem razão de ser. Nem sequer tiveram noite de núpcias. *Non consumatus*. É sumário, sem complicações. Depois podemos tirar Medicina Tropical e irmos para África. Não gostavas? Os dois fazíamos bom dinheiro. Chandra! Chandra!"

Mas Chandracanta estava de olhos cravados nas cortinas e longe, muito longe dali. Revia a fi-

gura alvíssima do boto, os nós sagrados do tali, que as suas mãos trémulas tinham atado, as invocações dos pares divinos, Xiva e Parvati, Brahma e Sarasvati, Vixnu e Lacximi para que distinguissem os recém-casados com os seus favores. Tornou a ver a figura infantil de Dhruva, a esposa-criança: «Chand, que tens? Chand? Sempre partes?» E a mãe a pintar-lhe o cucume na testa, que a amarraria para sempre àquela família e que só lhe permitiria ser *bodki*...

“Chandra!”

A voz de Luísa despertou-o de novo, com uma sacudidela brusca. Fitou-a com decisão.

“Não achas, Chandra? Ouves, Chandra? Iremos para África, Chandra? Quando conseguires o divórcio, Chandra?”

Chandracanta manteve os olhos nos dela, fixamente.

“Há muitas coisas que não podes compreender, Luísa”, repetiu. “Muitas coisas... Somos assim, no Oriente. Sabes, entre nós, o homem pode trair, o marido é sempre fiel...”

OS FILHOS DE JOB

Se fosse dado a Bostião escolher entre o mar alto e o rio, optaria por este sem hesitação. Todas as madrugadas, na canoa, remando penosamente, ia até às estacas onde prendia as redes. Mas pesca de rio é pesca miúda, não rende. Não podia ficar assim, à mercê da sorte. Ganhar apenas para as despesas do dia não lhe bastava. A vida não tem piedade dos fracos. Nem a vida, nem os homens. Isso era lição velha, que o tempo ensinava cruelmente. Por isso, todos os anos, na época das cavalas, com os outros, afoitava-se ao largo, apesar dos anos e de muita canseira de corpo.

“Deixa-te estar em casa, homem. Tu já não aguentas os rigores do mar”, dizia-lhe a mulher.

Era verdade. O seu corpo, magro, gasto por mais de dez lustres de lida fera, já fraquejava, já cedia ao esforço. Mas insistia, dando coragem por forças:

“Não te rales, Angelina! Bem sabes que não é por gosto. Noutros tempos ainda havia o isco da aventura... O mar é tentação para gente nova, mas para velhos como eu já não tem engodos.”

Depois da monção, quando os grandes cardumes começavam a aparecer, todos os dias esta cena se repetia. E todos os dias terminava com lágrimas e rogos.

“Pai, não vá... Fique-se pelo rio, pai! Com camarão também se ganha dinheiro...”, pedia a fi-

lha com a ternura dos seus vinte anos, lembrando-se de outros pescadores, que um dia lá ficaram.

Bostião tentava explicar, de todos os feitios, o seu lugar na sociedade sudra a que pertencia. E os seus deveres, a que não podia fugir, que o faziam escravo. Bem via que todas as raparigas da aldeia com a idade da Carminha se iam casando. Pelo bairro, comentava-se já, à boca fechada: «Quando será que o Bostião casa a filha?» E abanavam a cabeça, contristados, com maus presságios. E Bostião sabia isso. Ouvia. Sentia. Doía-lhe. Mas que podia fazer? Ele é que sabia as linhas com que se cosia. Mas era certo. Havia uma censura velada nas falas dos companheiros. Exigiam-lhe que desse de casar à filha. Faziam-no sem se lembrarem de que era velho e mal podia já ir todas as manhãs até às estacas do rio levantar as redes. Mas era assim. Sempre fora assim, desde tempos remotos. Bostião sabia. E tinham razão. Que as raparigas, em passando da idade... E não seria o primeiro caso! «O corpo é mau conselheiro, e há que colocar as raparigas logo que começam a despertar», diziam, com uma sabedoria de milénios.

«A vender camarões não conseguirei ameaçar para o teu dote», murmurou. «Julgas que morrerei tranquilo sem te ver arrumada? É um peso que trago cá dentro, e já me sinto tão velho!»

«Se não fosse a doença do sãpây...», exclamou a mulher, referindo-se ao sogro. «Gastámos o que tínhamos e o que não tínhamos! E nem ao menos ele se salvou daquela maldita malária...»

«Não foi malária, Angelina! Nós é que julgávamos, mas o médico sempre disse que era dos pulmões. Se lhe tivéssemos dado ouvidos logo de começo, talvez o pai se salvasse...»

Não tinham relógio em casa. Regulavam-se pelo nascer e pôr do Sol, pelo abrir e fechar das lojas, pela chegada e partida das lanchas e, por fim, pelo sino da igreja de Penha de França.

Depois do jantar, rezaram o terço. A seguir Bostião acendeu um viddi e saiu, deixando a mulher e a filha a lavarem os cobres e os barros.

Foi sentar-se à entrada, cimentada havia pouco, antes da doença do sãpây, quando as coisas ainda corriam menos mal e havia umas rupias de lado. E ficou a olhar o rio, mais adiante, o rio tranquilo que era pai.

Costumava passar assim muitas horas, sorvendo o fumo lentamente, sozinho consigo. Umaz vezes ficava só a olhar, sem pensar em nada. Outras, deixava o pensamento escorrer em liberdade. E sempre ia acabar na Carminha. Como naquele dia. Pensava nela e no pouco tempo que tinha, como estava velho. «Rapariga sem dote, quem quer?», pensava. «Quem quer rapariga sem dote?», repetia. E ficou de olhos abertos, imóvel, até ouvir a voz de Gustin, do cais.

«Bostião! Eh, Bostião, vamos embora!»

Custava-lhe largar o aconchego da casa, a protecção das olas tecidas, o calor do fogão, lá dentro, onde as brasas não se tinham apagado de todo, para passar toda a noite no mar, numa luta que já não era para ele. E depois, aquele frio, o relento e o terral que lhe punha todo o corpo a tiritar...

Esticou as pernas, preguiçoso, chupando mais uma fumaça do viddi e esfregou as mãos. Mas não tardou a ouvir também Vitobá:

«Eh, Bostião, vamos embora!»

«É só um bocado...»

«Temos que aproveitar a maré!»

Bostião levantou-se com energia. Havia determinação nos seus gestos. Carminha veio entregar-lhe o cambolim, sorridente. Bostião lançou-o sobre os ombros e afastou-se lentamente ao encontro dos companheiros.

Carminha ficou a olhá-lo em silêncio até que o pai se virou. Então sorriu-lhe de novo.

Mais do que nunca, precisava de inculcá-lhe coragem. Estava em jogo a sua condição de solteira. Estava nas mãos dele o seu destino de mulher. Muitas vezes se perguntava por quanto tempo iria continuar exposta aos olhares dos vizinhos, dos parentes, das más-línguas. Além disso, de vez em quando, aqueles ardores, aqueles sobressaltos que a punham fora de si e quase a faziam gritar... No fundo, porém, não se preocupava muito. Havia nela uma simplicidade natural que a não deixava perder o norte. Talvez se o pai não tivesse falado tão claramente, talvez, iludida pelo sabor da juventude, levasse muito mais tempo a compreender a verdadeira natureza do problema. Sentia-se feliz em ir vender no mercado o peixe que o pai apanhava. Só isso, já por si, constituía uma pequena e sedutora aventura social. No mercado de Mapuçá tinha oportunidade de conversar com os rapazes que vinham de Bombaim e de outros sítios a passar a licença a Goa, gabando-se de coisas que tinham visto lá por fora, talvez exagerando, ela sabia, para espantar os aldeões. Carminha gostava deles. Eram elegantes. Tinham outras maneiras, usavam muita brilhantina no cabelo e apareciam no mercado sempre de pijama, ao contrário dos pescadores que, quase sempre, só usavam langotim.

No umbral, de olhos fechados, Carminha sorvia a aragem fresca que vinha do rio. E recor-

dava um a um os rostos morenos dos rapazes que apareciam todos os anos na aldeia, de cabelo luzidio e horizontes abertos no olhar. E, pensando neles, adormeceu sobre o cimento, enquanto o velho Bostião, fazendo bofe das tripas, mourejava no mar.

II

Na manhã seguinte, muito cedo, as mulheres juntaram-se no cais, ansiosas, olhando para a foz. Pousaram os cestos e sentaram-se ao lado, no chão, insensíveis ao sol já ardente. No rio, começava o movimento e as tonas de transporte cruzavam-no, carregadas de gente que ia para os empregos em Pangim. As mulheres ficaram a olhar, paradas, na esperança de que a tona grande surgisse, a tona grande e sem toldo, carregada de bom peixe.

E, de súbito, as mulheres sorriram. Sorriam ao mesmo tempo, porque era como se todas elas fossem uma só mulher. Sentiam em uníssonos. Porque eram os maridos de todas que voltavam na tona grande que já se aproximava. As mulheres sorriam, ao lado dos cestos, que depressa se encheriam de grandes cavalas prateadas.

"Hoje os nossos homens vêm a remar em silêncio. Se calhar não tiveram sorte...", murmurou uma.

"Não. Talvez não. A época é boa!", disse outra.

"Eu não distingo o Bostião no grupo!", exclamou uma terceira.

E ficaram suspensas. Acotovelaram-se, caladas, até que a tona se aproximou e os homens

se curvaram mais, erguendo o corpo de Bostião nos braços.

As mulheres estremeceram e fitaram Angelina, de olhos muito abertos, a bainha do *capodd* amarrotada entre os dedos.

E, de súbito, o grito saiu-lhe das entranhas, com angústia e revolta:

"Ai, Devá, Devá, meu Bostião! Devá!"

As outras rodearam-na, tapando-lhe a vista, enquanto os homens conduziam Bostião para casa.

Angelina seguiu-os, soluçando todo o caminho, num queixume:

"Ai, Devá, Devá, como me trouxeram o Bostião!"

Quando chegaram, as mulheres deixaram-na chegar ao pé do marido estendido na esteira.

"Ai, Bostião!", gritou ela, caíndo de joelhos.

Mas os homens começaram a falar.

"Tragam-lhe um caldo de canja", ordenou Salvador, impondo silêncio.

Em casos de desmaio, Gustin recomendava que se cheirasse uma cebola e aguardente.

"Uma dose de fenim para reanimá-lo!"

Carminha regressava do poço com duas bilhas de água. Ao ver toda aquela gente, estremeceu. A bilha que trazia à cabeça tombou, encharcando o embostado.

"Meu pai!", soluçou.

"Já mandei chamar a *disticar*", disse alguém. E esta palavra dizia tudo sobre a suposta causa do sucedido.

Angelina friccionava com óleo de coco os braços e o peito do marido com toda a energia. Pouco a pouco, Bostião ia voltando a si, abrindo os olhos

e ingerindo canja de arroz que uma vizinha lhe metia na boca à força.

"Coma, Bostião, para ficar bom!", dizia-lhe, insistindo.

Mas nesse momento chegou a *distican* a correr, ofegando.

Era uma mulher com perto de cinquenta anos, enérgica, segura de si. Trazia o cabelo empastado com óleo de coco e enrolado na nuca. Olhou para o doente com perspicácia e franziu o nariz. Depois deu uma volta, agachou-se junto da esteira e passou-lhe a mão em frente do rosto. Bostião, fatigado, fechou os olhos.

"Preciso de sal e três pimentas!", gritou, com voz rouca, a *distican*, sem desfitar o pescador e rezando alto, cadencialmente:

Satmântâm

Devá bapá sarvhukumdâr...

Uma das mulheres estendeu-lhe as pimentas e o sal. E a velha, curvando-se, passou-os três vezes pelo corpo do doente, repetindo:

Satmântâm

Devá bapá sarvhukumdâr

*Sorguincho âni samsâracho rachnar...**

A seguir, entre o silêncio geral, levantou-se e foi lançar as pimentas ao fogo. Ergueu-se uma labareda mais viva e ouviu-se um estalido forte. Angelina virou-se para as outras mulheres:

* O Credo, em concaním.

"Já viram? Eu não tinha dito que era mau olhado?"

"Não admira!", apoiou Florinda. "Ultimamente todos diziam: 'O velho Bostião ainda aguenta muito bem a pesca das cavalas.' Eu logo vi. Deviam ter chamado a distican mesmo antes dele ir para o mar!"

"Na quarta-feira ele ficará completamente bom. Quarta-feira é o dia de tirar o mau-olhado", garantiu a velha, da porta.

Angelina estendeu a mão e entregou-lhe quatro tangas, que a velha se apressou a meter no bolso. E, virando as costas, voltou para casa, satisfeita.

Logo que a distican saiu, na barraca de Bostião as pessoas começaram a retirar-se.

"Se precisarem de alguma coisa, mandem chamar-me", disse Tomsó.

"E se for preciso dinheiro... Não sou rico, mas há-de arranjar-se qualquer coisa", murmurou Gustin.

"Não chore, Carminha!", disse Venctexa, que viera comprar peixe e entrara ao saber do sucedido. "Vá a minha casa e a minha mulher dá-lhe uma raiz que, esfregada numa pedra com água e posta na testa de seu pai, o põe logo bom. Vai ver como se levanta logo", garantiu.

III

Curvado sobre o doente, o Dr. Amoncar tinha uma certa dificuldade em auscultá-lo.

"Sempre a mesma coisa, sempre a mesma coisa!", resmungou. "Porque não me mandaram chamar há mais tempo? Primeiro a distican, não

é?, depois o ^{feiticeiro} gaddi, e eu só no último caso! Quantas vezes já lhes disse que não tomem paliativos!"

Gustin, Tomsó, Vitobá, Franxavier e Savitri estavam aos pés de Bostião, cujas costelas salientes parecia que lhe rasgavam a pele seca. As palavras do médico fizeram-nos baixar a cabeça. Em todos os rostos se podia ler uma grande angústia.

O Dr. Amoncar estava habituado a falar assim. Fazia parte da sua rotina. Aquilo tornara-se-lhe já uma coisa mecânica. Estava calejado. Não tinha ilusões de pretender que lhe obedecessem, isso era outra verdade. Aquela gente tinha a sua distican, em que acreditava. Tirar-lha podia talvez fazer-lhes mais mal do que bem. O que achava mais urgente era livrá-los daquela ignorância, daquele desprezo íntimo pelo progresso, que, ao fim e ao cabo, reconhecia-o, lhes permitia ser felizes à sua maneira, mas que, por outro lado, os tornava vítimas indefesas de todos os males.

"Se é questão de dinheiro, doutor..."

Gustin não chegou a completar a sua ideia, pois o médico interrompeu-o:

"Qual dinheiro, homem! Vocês bem sabem que eu nunca me importei com o dinheiro dos doentes e, tratando-se de gente pobre, nem um poicã recebo. Interesse-me é pela vossa vida, percebem?" Custava-lhe ser mais uma vez ríspido, mas tinha consciência de cumprir um dever. É que a sua principal tarefa não era assistir aos doentes, mas influenciá-los. Tinha que penetrar no espírito daqueles pescadores drávidas, que tão bem conhecia e que por isso mesmo estimava como verdadeiros homens que eram. Sabia que se deixavam guiar apenas pelo instinto, que a sua vida era toda feita de pressentimento... Por isso procurava, sempre

que possível, ensinar-lhes as regras mais elementares para o tratamento dos seus males. «Antes deles, milhões de homens foram ignorantes», pensou. «Estes também aprenderão um dia.» E sorria, mansamente, ao reflectir no inconcebível progresso do homem, esse triste macaco sábio.

Acabou de passar a receita e hesitou. Depois estendeu-a a um dos homens.

“Vá a minha casa buscar alguns destes remédios. Outros terão que comprar.”

Vitobá avançou com humildade:

“Obrigado, doutor. Diga-nos o que devemos fazer para vermos o Bostião livre desta doença.”

“Ele não pode continuar a dormir no chão. Vocês não têm pelo menos um colchão?”, perguntou.

“Colchão?... Não, doutor”, titubeou Carminha.

Mas D. Lavínia acabava de entrar. Ninguém dera pela sua presença, mas ela apressou-se a fazer-se notada, intervindo:

“Se é questão de cama, posso emprestá-la, mas sem colchão. Como é de tábuas, basta pôr uma esteira por cima e fica boa.”

Os pescadores ficaram a olhar para ela, espantados. Devia ser um rebate de consciência porque, embora fizesse frequentemente «visitas de caridade», D. Lavínia era incapaz de emprestar, e muito menos dar, fosse o que fosse. Ante qualquer desgraça premente, respondia piedosamente: «Deus o ajude!», acrescentando: «Deus sabe bem as linhas com que me coso.» Mas ninguém ignorava que era tudo mentira, que o marido lhe deixara farta herança com propriedades de arroz e coco, e que os dois filhos estavam bem colocados no Golfo Pérsico, donde lhe mandavam mesadas chorudas.

Gustin não podia perdoar a D. Lavínia ter-lhe recusado um punhado de arroz fino que pedira emprestado para a filha, quando estivera doente e proibida pelo médico de comer o corangute. Quis, portanto, dar-lhe uma lição e respondeu com arrogância: a. m. z
grosso

“Não vale a pena, Lavin bai. Nós podemos ser pobres, mas uma cama sempre se há-de arranjar.”

Os outros sorriram levemente, aprovando. Angelina aproveitou também para se desferrar da humilhação sofrida por ocasião da ladainha da Cruz, quando D. Lavínia recusara vender-lhe alguns cocos para o doce que tinha que oferecer aos convidados. E disse, com ironia:

“Não queremos a sua cama, Lavin bai. Em último caso podemos sobrepor umas tábuas com uma manta por cima...”

“Que cambada!”, exclamou D. Lavínia em português para o médico. “Esta gente é pobre e mal agradecida. Que soberba!”

Não ocultava o seu desprezo por certas atitudes da «gente do povo». O que lhe valeu naquele momento foi a desforra de poder exhibir o seu português no meio da «cambada», que só falava cananim.

O Dr. Amoncar assistia a uma cena que só o fazia admirar ainda mais aqueles sudras humildes e ^{pequenos} tisonados. No fundo do coração, detestava aquela mulherzinha irritante e presunçosa, hipócrita consumada, exploradora de manducares. E retorquiu:

“Não tem razão, D. Lavínia. Esta gente não é cambada e é bom não confundirmos dignidade com soberba! Diante de tanta coisa de que o doente

precisa, que faz a senhora? Empresta-lhe uma cama. Nem sequer dá: empresta. E o resto? O Bostião precisa de mais: remédios, injeções, boa alimentação, tónicos... E onde vai arranjar dinheiro para tudo isso? Eu, pela parte que me toca, não receberei nem um poicá e vou ver se lhe arranjo os medicamentos de graça."

D. Lavínia enrubesceu e contra-atacou:

"Defende a dignidade desta gente, esquecendo-se da minha, que é superior. Repare que sou brãmane, como o doutor! Quanto a isso de dar, cada um faz o que pode. Cada qual sabe de si e Deus sabe de todos, doutor."

O médico encolheu os ombros, desinteressado. D. Lavínia fez uma careta de desagrado e passou a mão pelo rosto. Depois, bruscamente, erguendo-se da única cadeira existente no compartimento escuro, pretextou pressa em voltar a casa.

"Como boa cristã, não podia deixar de cumprir este dever de visitar um doente", disse, estendendo a mão ao médico. "Mas não posso demorar-me, vocês compreendem... Meus filhos chegaram ontem do Golfo Pérsico e os preparativos para a festa ainda não terminaram, vocês compreendem..."

No caminho de volta, sentiu-se melhor: «Que cambada!», resmungou, arrependida de lá ter ido. «Juntos como formigas num quarto tão miserável e pequeno, só com uma janelinha por onde mal entra a luz do dia, uf! Que falta de ar!»

Logo que chegou a casa foi estender-se numa cadeira *voltaire* e começou a abanar-se nervosamente com uma ventarola comprada na feira da festa da Senhora da Conceição. Aquele gesto queria dizer que estava indisposta.

Ao vê-la, Robin, o filho mais velho, indagou: "Mãe, não se sente bem?"

"Nada", respondeu D. Lavínia, furiosa. "É que esta gente do povo está cada vez mais altanada. Estive agora mesmo em casa do pescador Bostião e fiquei furiosa com aquela cambada. O pior foi o médico. Anda feito com eles."

Robin achou a oportunidade boa para espantar a mãe com os seus conhecimentos angariados em terras longínquas:

"Se calhar o médico é comunista!"

"Ora essa!", murmurou D. Lavínia. "Eu cá não compreendo esses novos termos... O que disseste?"

IV

Em casa do Bostião travava-se uma verdadeira luta entre os pescadores e o médico. O Dr. Amoncar esforçava-se por explicar que um tuberculoso tem que ser internado no sanatório. Mas ninguém se deixava convencer.

"Não, doutor, não vou para o hospital! Deixe-me estar aqui entre os meus! Prefiro morrer na minha aldeia, na minha casa, com Gustin, Vitobá, Tomsó e todos deste bairro. Não... não, doutor, hospital nunca!"

Estas palavras fracas do doente foram abafadas pela voz aguda de Angelina:

"Se o doutor não quer tratar do meu marido, seja franco. Havemos de chamar outro médico. Se for preciso, até empenhamos os cobres e as redes!"

"Pode contar comigo, Angelina. Não sou rico, mas dinheiro para Bostião há-de arranjar-se!", interveio Gustin.

“Comigo também podem contar! Coragem, Carminha, seu pai não sairá daqui!”, garantiu Vitobá.

O Dr. Amoncar quase se deu por vencido. Achava-se num estranho campo de batalha, onde os sentimentos e as tradições eram mais fortes do que a razão e onde não tinha possibilidades de triunfar. Por isso mudou de tática. Encarou o doente com sinceridade:

“Ó Bostião, esqueça-se de que sou doutor e vamos falar de homem para homem, está bem? Ora diga-me uma coisa, você lembra-se de como morreu seu pai?”

“Sim, senhor, não foi malária... foi dos pulmões...”, virou-se para o lado direito, para encarar o médico, fazendo ranger as tábuas da improvisada cama. “O doutor queria que o pai fosse também para o hospital, lembro-me bem.”

“Agora escute-me: você tem a doença de seu pai. Compreendeu? E portanto tem que ir para o tal hospital... Se não for, o mal é para si e para os outros porque você pode pegar a doença a outras pessoas. Se for, ficará bom e dentro de pouco tempo pode voltar para casa!”

Bostião ficou a olhar, parado, pensativo. Fitava o médico de frente, nos olhos, para tentar saber se não estaria a querer enganá-lo. Mas abanou a cabeça, convencido. O médico era pessoa séria. Não enganava ninguém. Já dissera o mesmo do sâpây e não tinham querido dar-lhe ouvidos. E sâpây morreu. O doutor tinha razão. O sâpây morrerá porque não tinha ido para o hospital. Encarou o médico, decidido:

“Doutor, minha doença pode pegar aos outros? Então vou... Não quero desgraçar ninguém, por minha causa. Vou ao tal hospital...”

Nos semblantes dravídicos, um misto de culpa e admiração marcava a derrota aceite com dignidade.. Quanto ao Dr. Amoncar, podia-se considerar vencedor, mas, em vez disso, experimentava uma sensação dolorosa. A fala ficou-lhe presa na garganta.

Nesse momento, muito contra sua vontade, D. Lavínia surgiu no cubículo impregnado de odor a drogas e incenso. Tivera o propósito de nunca mais lá pôr os pés, mas a maldita consciência acusara-a e não a deixava em descanso. Para reaver a paz, teve que se ir confessar. E o padre dera-lhe por penitência uma humilhação: «Volte a casa do Bostião e leve algum auxílio. A senhora não tem o direito de se revoltar contra eles, de lhes desprezar. Eles são sudras. A senhora herdou a riqueza e a casta de seus antepassados, portanto sem mérito... E lembre-se de que Deus disse: *É mais fácil a um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no Céu.*» E não tivera outro remédio. Mas ia contrariada. Que não se podia ser mole com aquela gente. Depois abusavam. Olhou para Bostião e avançou até meio da casa. Depois, lentamente, para que todos vissem bem como era generosa, tirou uma rupia da mala e colocou-a na mão do doente:

“É para leite!”, disse. E venceu bem a palavra «leite», que eles nunca bebiam. “Vá e fique bom. Pedirei por si a Deus”, acrescentou, comovida com a sua própria piedade.

“Obrigada, Lavin bai”, murmurou Angelina. “Peça também por Carminha, que agora precisa mais do pai... e peça também pelos pescadores de Orlim.”

Mentalmente, o Dr. Amoncar pôs-se a fazer o cálculo do tempo necessário para transportar o

doente até ao hospital. Não podia deixar passar nem mais uma noite, não acabassem por desistir.

“Bem, é bom aprontarem uma tona para levarem Bostião”, exclamou. “Já falei no hospital. Basta entregarem lá uma carta minha.”

Tirou a carta do bolso e estendeu-a a Gustin, que era o maioral.

“Não se esqueça de a entregar no hospital. O resto já está tratado.”

VencTexa fez sinal aos outros para que o seguissem. Só Gustin ficou atento às instruções do médico.

“Vamos ver se a tona se prendeu no lodo. A maré é vazante.”

E logo a seguir, a distican apareceu. Vinha cansada, a correr. Soubera da notícia no mercado. Furou por entre as mulheres e ofereceu-se para fazer qualquer coisa. Mas não havia nada em que pudesse ser útil. Angelina já tinha feito uma pequena trouxa com roupa e chorava, enxugando as lágrimas com a ponta do capodd. Quando os pescadores voltaram, com os pés sujos de lodo, o seu choro aumentou, transformando-se num lamento animal.

“Por que esperam? É melhor levarem-no...”, murmurou o Dr. Amoncar num tom seco que não lhe pertencia.

Angelina, Carminha, Savitri, D. Lavínia choravam como se ali, perante a dor, fossem todas iguais e as castas não as separassem até à morte.

Num breve relance, Bostião colheu as últimas imagens da sua velha aldeia: a casa com telhado de churtas, a mulher e a filha, todas as pessoas que não o abandonaram até ao fim. Ao longe, a Igreja de Nossa Senhora da Penha de Fran-

ça, reflectindo-se no Mandovi, surgia-lhe como uma esperança.

No cais, apenas o ruído dos remos contra a água. E Carminha, hirta como uma estátua de resignação.

RECORDAÇÃO DO TIO SALÚ

Um templo de saudade pode chamar-se a tudo que trago dentro de mim. Gira à minha volta, agora, em torvelinho, um torvelinho que dói –, toda a minha infância na velha aldeia à beira do Mandovi, onde o tempo parece que tinha parado e se vivia como mil anos atrás, como sempre.

Ainda hoje, fecho os olhos e volto a ver os pescadores tisonados, de langotim, delgados e robustos, partirem de madrugada, nas tonas esguias, para a pesca. Como naquele tempo. Como sempre. Continuo a ouvi-los, sentados no cais de madeira das traseiras de casa, falando do tempo, dos trabalhos, do mar, das intrigas da aldeia, da vida... O som gutural das suas vozes vem ainda hoje saudar-me com nostalgia.

Ao descer do gasolina, todas as tardes, de volta de Pangim, havia sempre algum rosto sorridente a cumprimentar-me:

*“Aiz Pongê, bai?”**

Ou quando, na varanda, mesmo junto do rio, ao anoitecer, e eles passavam, apressados, de redes ao ombro:

*“Distâ tyâpramânem ho varo pâvsâla, bai!”***

* Então hoje estive em Pangim, menina?

** Este vento é de chuva, menina!

Boa aldeia, boa gente, bons manducares, pescadores, curumbins, farazes, velhos e velhas, católicos, hindus, rapazinhos de langotim sujo com quem tanta vez joguei a cabra-cega ou os *godde*, rostinhos morenos e vivos, que me davam gostosos *chinchre* dos tamarindos para roer na escola. *Sementes secas*

E cantávamos, todos iguais então, sem que os homens tivessem ainda cavado abismos entre nós, irmãos de folguedos e pequenas esperanças, futuros manducares e batecares:

*Undir mojeá māmā
anim āum sangtam tuca
tum mazrichea pīlea
laguim khēllu mandunaca...**

E, de repente, largávamos a correr, aos gritos, contentes:

“Aí vem o tio Salú!”
O tio Salú...

Nunca esquecerei aquele Natal, tão triste, tão distante, que nem parece verdade. Parece-me ver de novo toda a aldeia a sorrir, em festa, as casas caiadas de fresco, ornadas de lanternas chinesas, barquinhos, estrelas de bambu... Todos os natais eram iguais, e tão diferentes sempre! A atmosfera carregada de aromas, e nas cozinhas, gordos *oddé* a ferver no azeite, guloseimas mil, gostosas, e toda a família na sala, a fazer o presépio, dispondo as figurinhas de madeira ou cartão recortado sobre o nachinim verde.

*Tio ratinho,
quero dizer-te uma coisa:
não te ponhas a brincar
com o filho do gato...

Aquele Natal, a minha mãe resolveu convidar o tio Salú, que vivia só, no outro extremo da aldeia. Bati as palmas de contente e, sem poder conter-me, corri pela rua, aos saltos.

“Tio Salú, tio Salú, venha passar o Natal connosco!”

Ele passou-me a mão pelos cabelos, pensativo.

“Hoje não saio da minha casa!”, respondeu, num tom quase magoado.

Mas, ao encarar a minha expressão triste, decepcionada, sorriu levemente.

“Vem comigo!”, disse, pegando-me pela mão. “Vou mostrar-te uma coisa...”

Ao presépio, a um canto da sala, não faltavam sequer uns Reis Magos descoloridos, recortados de uma estampa.

“Está maravilhosol!”, exclamei, extasiada, com os meus olhos infantis muito abertos.

E já o tio Salú me arrastava à cozinha, para mostrar-me os doces.

“Tudo mandado pela gente da aldeia. Sabem que já estou muito velho para fazer consoada... Não me esqueceram!”

Mas faltava ainda uma coisa. Fez sinal que o acompanhasse. Dirigiu-se ao jardim. Aí, um pau comprido cravado no solo erguia uma estrela de bambu. O forro, de papel verde, estava desbotado e roto. Mas era uma estrela, uma estrela enorme. Quis felicitá-lo.

“Tio Salú...”

Virei-me. Chorava. O seu rosto rugoso arremanhava-se ainda mais, numa expressão dolorida.

“Tio Salú... Tio Salú...”, exclamei, sem saber que fazer.

O velho continuava de olhos cravados na estrela. Depois, com decisão, foi sentar-se mais adiante, num banco de pedras soltas.

"Minha filha, baí, tens de perdoar-me. Quando se chega à minha idade, em que já deixámos tudo e todos para trás, ficamos piegas por qualquer coisa... Tudo nos faz chorar. No fim de contas, não passo de um pobre velho solitário, vivendo no abandono..."

A voz ficou-me presa na garganta e mal pude balbuciar:

"Não. Nada disso. Diga antes que é uma pessoa muito estimada, de quem todos se lembram no Natal!"

O tio Salú apalpava lentamente um canudo entre os dedos, sem dizer nada. Meteu-o na boca, acendeu-o, e começou a fumar, falando baixo, entredentes. Não entendi. Não sei que dizia. Era um murmúrio imperceptível que parecia não ir acabar nunca.

Dei um passo em frente, decidida:

"Devem estar à nossa espera. Vamos!" e tentei pôr algum entusiasmo na voz.

Instintivamente, o tio Salú tirou o rosário do bolso e, ao ver que eu continuava ali, murmurou:

"Eu vou rezar, baí, e pedir por vós para que tenhais um Natal feliz. Talvez este seja o meu último Natal e quero passá-lo na minha casa..."

Beijei-lhe a mão e regresssei com uma grande tristeza, uma tristeza que não compreendia bem.

No dia seguinte, a seguir ao almoço, alguém apareceu e disse:

"Morreu o velho Salú, coitado! Este ano nem renovou o forro da estrela. Talvez pressentisse o fim..."

Recordo que, precisamente nesse instante, passavam os farazes, em grupo, entoando alto: "*Nômân Moriê, curpên bolelê...*"*

Tudo isto ficou gravado na minha alma, tudo, como um lastro pesado de que não posso (nem quero) libertar-me. Ainda hoje, às vezes, fecho os olhos e volto a ver a velha aldeia, os pescadores, as águas serenas do Mandovi, o tio Salú, e repito baixinho, como os farazes no Natal: "*Nomân Môrie curpên bolelê...*", numa prece para que a velha pátria, os homens, e a língua dos antepassados nunca morram dentro de mim.

* Avé Maria, chela de graça...

A DROGA

Rosú olhou à volta e viu que estava só. As companheiras tinham desaparecido. Deviam andar dispersas pelo oiteiro.

A monção estava a chegar. Daí a poucas semanas desabaria como um dilúvio sobre a terra sedenta. E viriam compridos dias monótonos, com a chuva a bater nas churtas e a ensopar as várzeas. Então, tudo sobre a terra ficaria encharcado, campos e casas, homens e árvores. Era preciso recolher lenha para o lume, e toda a gente se abastecia no oiteiro. Para lá iam, todas as tardes, as mulheres da aldeia, que regressavam depois, ao anoitecer, bamboleando o corpo, com grandes feixes à cabeça, que apinhavam em pequenas barracas cobertas de olas.

Rosú olhou à volta, assustada com o silêncio que a rodeava. A claridade tornava-se baça, dum tom cinzento. Pouco faltava para que todo o oiteiro se transformasse numa enorme mole negra, assustadora. Rosú hesitou. Não podia abandonar a lenha, que, com tanto esforço, reunira. Mas assim carregada, como voltaria à aldeia?

Começou, sem dar por isso, a pensar em coisas terríveis. Ali só, cobras e fantasmas vieram-lhe à ideia, e sentiu-se, de repente, banhada em suores frios. Lembrou-se das histórias que os velhos da aldeia contavam, de cobras vingativas e

fantasmas que arrebatavam as pessoas para os infernos. Dizia-se que o espírito de Zogú rondava, de noite, por ali. Contava-se que a Kristná enlouquecera uma noite que fora sozinha àquele oiteiro. Não a conheceu, mas a mãe sim, e sempre que falavam dela via os rostos à volta fecharem-se de tristeza. Sentiu um arrepio em todo o corpo. E ela ali só. E o espírito de Zogú... E as cobras vingadoras... Com um terror incontrolável, Rosú abandonou o feixe de lenha e largou a correr pela encosta. Mas, logo a seguir, espavorida, mal dera dois passos, tropeçou e caiu. E ainda não tivera tempo de se recompor e acalmar as pancadas fortes do coração, quando ouviu o ruído de passos apressados na sua direcção.

"Não se assuste!", disse Caxinata, aproximando-se, num jeito familiar.

"Ah!", suspirou Rosú, aliviada. "Ainda bem que vejo alguém conhecido... Perdi da vista a Gebel, a Romusa e a Savitri!"

E continuou a falar para ouvir a sua própria voz e assim afugentar o medo. A aparição de Caxinata tinha-a realmente acalmado. Caxinata era sobejamente conhecido. Precisamente era o homem ideal para situações como aquela. Ninguém ignorava, na aldeia, que Caxinata não tinha medo de nada. Era o homem mais corajoso de todo o bairro, famoso pela sua valentia em matar cobras e enfrentar os espíritos maus. E era prestável, sempre pronto a fazer um favor. Se, na aldeia, alguém precisasse de médico ou do padre, lá estava sempre Caxinata pronto a galgar duas léguas e ir buscá-lo. Se um doente precisava dum remédio urgente ou de gelo, quem senão Caxinata se

prontificava a correr à cidade, ainda que para isso tivesse de atravessar cemitérios e oiteiros noite adentro? Por tudo isso, Rosú teve um suspiro. Agora podia estar descansada. Não tinha de correr para casa, largando a preciosa lenha que juntara.

Para Caxinata, aquele encontro representava um dos melhores momentos da sua vida. Há muito que rondava o oiteiro, na esperança de falar a Rosú longe dos olhares da gente da aldeia. Mas Rosú aparecia sempre acompanhada pelas outras mulheres. Aquele dia, ao vê-las afastarem-se depois de a terem chamado várias vezes, escondeu-se atrás dum cajueiro, seguindo a evolução do medo de Rosú. Percebeu a sua indecisão e estava já disposto a surgir, de repente, como um anjo de salvação, quando, contra a sua expectativa, ela largara a correr. Ficou hesitante, sem saber se havia de persegui-la, mas reflectiu que essa atitude podia ser mal interpretada. Naquele momento, ergueu os olhos para o Céu, na ânsia de um imprevisto, de algo que a pudesse reter... Quando a viu tombar sobre os pedregulhos, assustou-se, arrependendo-se de ter sido, embora só em pensamento, o causador daquela queda...

Mas, por outro lado, essa queda fora providencial, pois já não tinha de se esconder atrás dos cajueiros. Podia fazer o que qualquer homem faria no seu lugar. Apareceu sem rodeios, convicto de não deixar transparecer nem uma centelha do seu propósito oculto. Ela dera-lhe uma oportunidade para se aproximar e para, talvez, dar corpo à sua ânsia. Não era apenas uma esperança, algo vago e indefinido, mas a certeza de um sonho longamente acalentado dentro de si, bem fundo, longe da barreira que divide hindus e católicos. Ali, em pleno

oiteiro, cercado apenas pelo céu e pelas árvores, sem testemunhas, podia consubstanciar o seu amor, esse amor proibido que deveria ficar sempre segredo sob pena de serem implacavelmente expulsos do convívio com os outros homens.

Lentamente, caminhavam unidos por uma estranha sensação de não estarem sós. Ele carregava, na cabeça, o feixe de lenha de Rosú. Esta detinha-o pelo braço sempre que surgia pela frente um calhau, e vigiava que a camisa dele não se prendesse aos espinhos dos carandoeiros.

"Já não tem medo?", perguntou, de súbito, Caxinata, sem parar.

"Não!", respondeu Rosú. "Como poderia ter medo, se você é o homem mais corajoso de Orlim?"

Mas aquela resposta não satisfez Caxinata. Queria ouvir mais daquela boca esquiva. Voltou à carga, directamente.

"E não tem meu medo? Se fosse na aldeia, você não andava comigo, eu sei..."

"Você não compreende... sabe? Eu...", murmurou ela, debatendo-se para formular uma escusa. Mas, para que era preciso uma escusa, se na aldeia seria capaz de lhe responder mal ou até de o ofender? Ela própria estava admirada da sua linguagem indulgente para com um hindu, de quem não havia nada a esperar. Na verdade, era de pouco falar com homens, mas com Bentú, Ladrú, Tomsó e outros rapazes do bairro, arranjava, em todas as ocasiões, maneira de gracejar com eles. Com hindus, porém, esquivava-se sempre que podia. Por isso, a sua resposta ficou incompleta. Sorriu, baixando a cabeça.

"Não precisa responder. Eu sei...", murmurou Caxinata.

À medida que se iam aproximando da aldeia e as primeiras casas começavam a aparecer, confundindo-se com as árvores, dominadas pelo casarão de pedra e cal do batecar Dias, Caxinata notou que Rosú começava a dar mostras de impaciência, tossindo e voltando ao tom ligeiramente arrogante que lhe era habitual, e que contrastava visivelmente com a voz suave com que falara durante todo o caminho. No entanto, bem no fundo de si, sem saber porquê, custava-lhe separar-se do companheiro. Mas, apesar de tudo, apesar de procurar ser delicada, não conseguia esconder o receio de ser vista por alguém. As pequenas mercearias, iluminadas com petromax, avivavam a povoação. Àquela hora, os homens reuniam-se ali, para fumarem os seus canudos, beberem o seu fenim, e darem à língua sobre os acontecimentos do dia. As mulheres estavam em casa, a moer os temperos ou a requintar o caril da noite. As poucas que podiam andar por fora, ainda na noite, eram uma ou outra peixeira, atrasada no regresso do mercado de Mapuçá. De uma grafonola distante, a voz duma cantora indiana chegava até eles, uma voz fina e melodiosa, como um lamento mágico.

Continuaram a andar no escuro, em silêncio. Pararam à entrada da aldeia, junto das primeiras casas de mate. Tinham que se separar. Ambos o entenderam sem palavras.

"Se vai amanhã ao oiteiro, estarei lá, atrás do muro grande. Vou lá todos os dias cortar lenha para o Xambá. Posso dar-lhe ramos finos. Xambá não vai nunca fiscalizar..."

"Sim... Amanhã...", concordou, humildemente, Rosú, recebendo, ao mesmo tempo, o feixe das mãos de Caxinata.

No dia seguinte, antecedendo as companheiras habituais, Rosú foi sozinha para o oiteiro. Ia temerosa, e, ao mesmo tempo, confiante. Rosú não entendia. Pensara toda a noite que não iria, resolvera mesmo não ir, mas quando chegou o momento, não o pôde evitar. E ficou insensível durante todo o caminho, pois desviava os pensamentos para outras coisas, para a chegada dos filhos de Lavin bai, para a terrível doença de Bostião, que fora levado para o hospital. Mas quando chegou junto do monte de pedras onde combinara encontrar-se com Caxinata, Rosú começou a tremer. Ele devia estar muito perto, pois ouvia as pancadas do seu machado golpeando uma árvore. Todo o seu corpo tremia quando começou a escalar o muro. Passavam-lhe muitas ideias pela cabeça. A consciência tentava fazê-la retroceder, mas alguma coisa dentro de si impelia-a. Talvez o sabor clandestino daquele encontro, pelo facto da lei do seu nascimento não lhe permitir desposar um hindu.

Do outro lado, vendo-a descer, Caxinata largou o machado e correu a ampará-la. E quando o fez, apertou-a com força nos braços. Ela não protestou. Ficou encostada ao seu peito, encolhida, indefesa. Em redor, apenas árvores, o céu, e ninhos de cobras. Tiveram, de súbito, uma sensação de liberdade total, jamais experimentada.

Ao mesmo tempo, constrangida, Rosú ficou apavorada pela nova sensação e, para destruí-la, começou a reunir lenha, com movimentos nervosos. Arrependeu-se de ter vindo. «Mas arrepender-se de quê?», perguntava a si própria.

“Agora não”, murmurou Caxinata, detendo-a. “Vamos conversar...”

Sentados sobre a folhagem, à sombra de uma árvore, começaram a sorver sumo de cajus. Através das copas, o céu aparecia recortado aos bocados. Aqui e além, o ruído de frutos maduros tombando sobre as folhas secas. Não falaram durante muito tempo, até que Rosú exclamou:

“Que horas são? Gebel e Savitri devem estar a chegar... Tenho que ir juntar-me a elas...”

Olharam ao mesmo tempo para o Sol: deviam ser três horas. Ela ergueu-se apressadamente, compondo o vestido e o cabelo. No pescoço robusto, uma corrente de ouro com medalhas de Nossa Senhora e de santos de sua devoção. Nos pulsos, tilintavam pulseiras de vidro e prata. Segurando-a pelos braços, Caxinata fitou-a:

“Só a deixarei ir se me prometer voltar amanhã, e depois, e depois, enquanto eu estiver cá a trabalhar”, disse, com energia, que se quebrou logo a seguir. E tomou um modo mais hesitante: “Rosú, há quinze dias que ando para lhe propor...”

“Propor? Saibá! O quê...?”

“Nada, Rosú, nada... Talvez pudéssemos ser felizes. Se houvesse novidade, a *distican* dava-lhe uma droga...”

“Outra vez a droga! Sempre a droga para finalizar o amor entre uma católica e um hindu!... Porque não poderá ser de outra maneira, legal, sem vergonhas nem drogas?”

Rosú começou a soluçar sobre o peito de Caxinata.

“Eu sei”, murmurou ele. “Também sinto o mesmo. Não a quis ofender. Foi sempre assim, e julgo que sempre será. Se estivesse nas minhas mãos, casava consigo, Rosú... Mas de que vale a minha vontade?”

Rosú separou-se dele e começou a afastar-se, devagar. Caxinata não tentou segui-la.

"Promete voltar?", perguntou apenas, em voz baixa.

"Amanhã, sim, depois do almoço!", respondeu ela, recobrando a sua expressão infantil.

A SUBVENÇÃO

Eucaristino, esse dia, voltou tarde para casa. A repartição fechava às cinco e já tocavam as sete quando, finalmente, apareceu, muito direito, enérgico, com um brilho diferente nos olhos. A sua expressão solene impressionou toda a família. D. Camila ficou a olhar para ele, aflita, sem saber a que atribuir tal atitude. Sim, porque normalmente o senhor Eucaristino, terceiro oficial da Fazenda, era um homem sorridente e folgazão, amado pela família, e tão estimado pelos colegas que até tinha alguns amigos hindus, coisa bastante rara para um descendente.

Esse dia, apareceu de cara fechada, embora o facto de tardar tanto constituísse só por si novidade digna de atenção. Nunca sucedera coisa semelhante, pois o senhor Eucaristino era bom chefe de família, cumpridor, e amigo dos seus. D. Camila estivera raladíssima aquelas duas horas, a correr do oratório para a porta e da porta para o oratório. Chegara a mandar o Vasquinho ao Café Moderno ver se o pai estaria por lá a bebericar cerveja ou a comer bajipurí com os colegas. Mas o pequeno voltara esfalfado sem o encontrar. Perguntara também por ele ao senhor Emérico dos Correios, mas ninguém lhe pusera os olhos em cima. Ou talvez não fosse bem assim, mas o senhor Emérico estava já um bocado alterado, como de costume.

Por todas estas razões, D. Camila ficou de olhos muito abertos quando o marido entrou naquele despropósito. Se o senhor Eucaristino viesse como de costume, sorridente e amável, teria havido briga pela certa, mas aquela atitude deixou a mulher atada de surpresa.

Eucaristino entrou e encostou a porta com um pontapé forte. Depois, ante o olhar espantado de D. Camila, de Vasquinho e de Xavierinho, depositou um grande embrulho em cima da mesa e lançou um olhar furibundo em volta, inspeccionando a sala.

"Isto não pode ser!", foram as suas primeiras palavras, decisivas, que deixaram a família varada.

Solene, deu dois passos em frente e abriu os braços num gesto largo e desesperado. E repetiu, em tom melodramático:

"Isto não pode ser!"

Foi nesse momento que D. Camila e os filhos, sem poderem aguentar mais a tensão em que estavam, explodiram aos gritos.

"Tininho!", guinchou ela, acompanhada em coro pelos garotos.

"Paizinho!"

Mas o senhor Eucaristino impôs a ordem com um berro decisivo:

"Pouco barulho!"

E todos se calaram.

Nos segundos que se seguiram, podiam ouvir-se as moscas a voar na sala.

Imperturbável, Eucaristino deu meia volta sobre si mesmo e perdeu o equilíbrio, tendo que agarrar-se a uma cadeira para não cair.

Mas, sem se desconcertar, começou:

"Agora isto vai mudar tudo! Vai mudar tudo completamente!" Fez um gesto vago em redor. "Já viste, Camila, como anda nossa casa? Deita fora este *tambió*. Não quero mais estas porcarias, hã!" Exaltado, correu à cozinha e agarrou ameaçadoramente num *douló*. "Agora mesmo vou comprar uma concha de alumínio, coisa de gente civilizada. Dá estes *doulé* aos *bonguis*. E não quero mais isto, hã!, aqui em casa." *parece que tratam dos esgotos*

O senhor Eucaristino parecia ter perdido o juízo. D. Camila, com os garotos protegidos pela vastidão do seu corpo, refugiara-se a um canto e seguia-lhe os gestos sem coragem para abrir a boca.

"Agora vejam", continuou, na sua fúria, o dono da casa, "vejam esta cozinha horrível. Tudo preto, tudo cheio de fumo. Agora acabou-se cozinhação com lenha. Isto é bom para goeses. Vamos comprar fogão de petróleo, fiquem a saber. Tudo isto vai mudar! Nós agora somos civilizados, não somos como goeses, hã! Sabe, não?, Camila, nós temos de marcar nossa posição, para não haver confusões. De hoje em diante, acaba-se este maldito caril. Nós não podemos comer semelhante comida. Agora nós comemos bacalhau, só bacalhau, e mais nada!"

Nesta altura, D. Camila não conseguiu conter-se. Aquilo foi superior às suas forças íntimas. Tocou-lhe na corda sensível e gritou:

"Você não está bom, Tininho! Só com duzentas rupias, como quer comer bacalhau? Mesmo assim, só com caril, não chega!..."

Eucaristino calou-se por um momento, hesitante, como vencido pela realidade implacável. Mas não se deu por achado. Quaisquer ideias estrambóticas a esse respeito logo as afastou para longe, aferrando-se, persistente, na sua. Claro que,

bilha de
metral
para
lavagens

colher

para tal, teve de falar ainda mais alto. E foi positivamente aos gritos que prosseguiu:

"Mas nós agora não somos goeses! Não podemos rebaixar."

"Ó Tininho, e seu caril de magem, que você gosta tanto?"

Eucaristino fingiu que não era com ele.

"Não podemos ser inferiores, já disse! E apas acabaram-se. Você, Camila, desde amanhã comece a comprar pães. Agora não há mais chá também. Só café. Café é que é. A partir de hoje não se faz chá aqui em casa, já disse. Todo o sempre a beber chá!... Sabe, não?, Milinha, nós temos de beber café e não chá, só chá, chá..."

"Tudo isto com duzentas rupias, como pode ser?...", arriscou, de novo, D. Camila, esfrangalhada, com um gemido. "Eh, você não deve estar bom da cabeça, Tininho!"

Eucaristino, nessa altura, subitamente, atirou-se para cima de uma cadeira *voltaire*, que se inclinou com um chiar opressivo de madeira velha. Pela primeira vez desde que chegara, encarou a mulher bem de frente.

"Eu não estou doido, ó Milinha", murmurou. "Pelo contrário, hoje é que estou bom. Você não sabe ainda uma coisa!..."

Levantou-se, como uma mola, retesando as pernas, com uma expressão inspirada.

"Nós agora já somos europeus, Milinha, já somos europeus! Não é como antes!"

"Nós europeus? Desde quando nós europeus?", perguntou a mulher, timidamente, sem querer acreditar.

"Sim, ó Milinha, é verdade que somos europeus. Já deram a subvenção colonial aos descen-

dentos. Somos considerados europeus. Não somos mais goeses. E temos de manter nossa linha, ouviu? Cuidado com estes garotos agora, hã! Venham aqui, Xavierinho e Vasquinho! Já sabem que somos europeus? Então se não sabem, é bom que saibam e digam a vossos amigos. A partir de hoje descendentes todos são considerados europeus e recebem a subvenção. Agora só comemos bacalhau todos os dias..."

Mas Xavierinho revoltou-se, com uma careta:

"Chi, bacalhau! Eu não gosto, pai... Se para ser europeu é preciso comer bacalhau, neste caso antes quero ser goês..."

O senhor Eucaristino abriu muito os olhos e virou-se para a mulher, indignado:

"Veja agora estas crianças, se há direito, Camila..."

"Eu também, falando com franqueza, Tininho," retorquiu ela, "só gosto de fofos de bacalhau."

E isso foi o clímax das provações do senhor Eucaristino, bom chefe de família e honesto terceiro oficial da Fazenda. Avançou, severo e decidido, para o embrulho que estava sobre a mesa e desatou-o. Agarrou com força num dos rolos que lá vinham e ergueu-o bem alto:

"Já viram isto? Já viram isto? Pois é bom que vejam. É papel higiênico, hã! Europeus todos usam papel higiênico, e eu deixe de ser Eucaristino da Sagrada Família Mascarenhas de Castro e Bragança se alguém se lavar mais nesta casa..."

VÊNUS E OS SEUS BRAÇOS

A monção principiara, furiosa. Chuvas pesadas atravessavam as paredes frágeis das casas, transformando-as em lamaçal – terra e bosta empapadas. A força do vento abatia troncos e fazia desabar telhados. A gente da aldeia corria como loucos à busca de olas com que substituí-los e tapar brechas.

As várzeas inundadas ofereciam um cenário desolador. De tronco nu, ensopados até à cintura, os curumbins abriam sulcos para escoar a água lamacenta que tingia o rio. Fiéis à terra, esforçavam-se para salvar as sementes, o alimento de todo o ano.

Do outro lado, numa rua estreita, o batecar Dias fiscalizava o trabalho. Viera mesmo de pijama e sandálias, com um enorme guarda-chuva, seguir com os próprios olhos a evolução da catástrofe. Não se resignava. Andava para trás e para diante, gesticulando, numa linguagem de desespero. E vaticinava, em pranto, a colheita magra, a fome e a miséria prestes. Mas como se podia explicar aquela desgraça? Recapitulava o número de missas dadas, naquele ano, pelas almas da sua casa e em louvor de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Só se tivesse faltado alguma, mas nesse caso a culpa era do padre Vigário, a quem entregara, com antecipação, o dinheiro das missas do

costume. Lembrava-se de ter assistido a todas, excepto à que fora dada pela alma do avô. Ai estava tudo explicado. «Talvez fosse a vingança do avô!». Aliviado com a descoberta, prometeu para si mandar dizer nova missa – mas desta vez uma missa cantada – pela alma daquele respeitável velho de quem herdara a propriedade.

O rosto do batecar Dias e os semblantes dravídicos dos curumbins desanuviavam-se à medida que, no céu, a claridade irrompia por entre as nuvens escuras. Ao longe, saindo das montanhas, o arco-íris, de cores vivas, quebrava a melancolia das várzeas. Pouco faltava para que a chuva cessasse.

“O arco-íris! Vamos ter aberta! Mas não saiam dali sem que acabem de escoar a água toda!”, vociferava o batecar, no tom autoritário com que costumava falar aos manducares.

Estes não respondiam. Limitavam-se a continuar, obedientes e humildes. Os seus corpos molhados tremiam de frio. De quando em quando, espremiavam os langotins encharcados. As mulheres, cobertas com capuchas de olas, curvavam-se, ao lado dos homens, domando as águas. A chuva, embora já a diminuir, só poupava o Dias, de pijama, encolhido debaixo do seu enorme guarda-chuva.

Nos últimos anos, não se lembravam de ter chovido assim. Sempre que a monção tardava, pediam a Deus que enviasse chuvas abundantes, para que as sementes, enterradas com o suor dos seus braços, em breve se transformassem em espigas. Desta vez, porém, imploravam o contrário. Durante alguns dias já não queriam mais água, mais rega, apenas o Sol – o Sol que os queimava – pediam-no agora como salvação para as várzeas.

Só o batecar estava de cabeça erguida. Nos seus gestos, revelava uma intransigência antecipada.

Intimidou-os:

“Façam como quiserem, mas salvem as sementes! Se a colheita for má, não contem comigo!... Este ano o arroz vai encarecer e eu não dispensarei minha parte!”

“Mas, batecará, podia emprestar-nos algum bate...” Na voz de Mogrém o medo de não ser atendida era patente.

Mas o batecar não se comovia. Já contava com a lamúria de todos os anos: «O bate não chega!» Precisamente no ano em que ele contava vender o arroz a bom preço! A consciência ditava-lhe clemência para com os seus homens, mas ele não estava disposto a ceder. Ceder significava, para ele, deixar de fazer um bom pecúlio à sombra do encarceramento do arroz. Precisava de tirar, logo de início, as esperanças à Mogrém – pois se lhe fizesse um empréstimo, teria de o fazer aos outros, e, dessa maneira, ficaria apenas com bate para o seu consumo.

“Empréstimo de bate? Quer a colheita seja boa, quer seja má, você só conta com os empréstimos!... E a dívida do ano passado?”, advertiu-a, fechando o guarda-chuva e ficando-o no chão. “Primeiro veja como me paga a dívida do ano passado!”

Na sentença daquelas palavras, Mogrém entrevia a miséria do seu lar. Estava encharcada. A blusa encolhida deixara-lhe a descoberto os seios, que se moviam livremente. Apesar de profundamente abatida, não traía a sua beleza exuberante. No garbo, em toda a melodia da sua expressão, era

ainda um exemplar típico das mulheres da sua casta! Meneava, ligeira, junto do marido seminu. Ambos mostravam-se chocados ante a visão de um ano mau.

Não me admirava ver Mogrém e Vitol tão abatidos. Naturalmente, deviam sentir-se soados pela sorte, desde que a vida se transformara numa luta contra a fome. Não lhes bastava trabalhar arduamente para alimentarem os filhos com o ventre inchado da calda de arroz diária.

Logo de madrugada, Mogrém cozinhava uma enorme panela de canja de arroz, parte da qual era o pequeno-almoço e o almoço dos filhos; a outra parte era para ela e para Vitol, que comiam na várzea. Durante o dia, o governo da casa ficava entregue à pequena Xantá, a mais velha, que tomava a cargo os cinco irmãozinhos todo o dia a rondar por ali. Tinham perdido o hábito de chorar, mesmo quando precisavam de alguma coisa ou se sentiam mal. Era inútil chorar. Sabiam que ninguém responderia. Xantá, apenas com oito anos, mal conseguia disciplinar o ambiente, conservando o rebanho infantil ileso até ao regresso dos pais.

A solidariedade daquele lar tocava-me profundamente. E a pobreza em que boiava não me passava despercebida. Chegava a ser indiscreta, ao perguntar à Mogrém porque traziam ao mundo tantos filhos, sabendo que não tinham meios de subsistência.

“Os nossos filhos são a bênção do lar. Daqui a uns anos serão doze braços a colaborar comigo e com Vitol!”, respondia, calmamente. E todo o seu corpo sorria, ante aquela visão de futuro. Quanto a mim, parecia-me que seriam apenas mais doze braços a ganhar para o batecar. Mas, de qualquer

modo, a filosofia de Mogrém tinha a sua razão de ser.

Em relação à mulher, Vitol envelhecera bastante. Sulcos de rugas precoces marcavam a aridez de uma vida irremediável. Toda a sua virilidade se concentrava nos braços, escamosos, enormes e musculosos, muito mais desenvolvidos do que o resto do corpo. Dentro de si, trazia escondida uma nuvem de medo – nuvem que só transparecia, porém, em dias de infortúnio.

A alegria tornava aos lares, com a melhoria do tempo. As chuvas escasseavam, ou, para bem dizer, chovia o suficiente para a rega das várzeas. As casas, remendadas com olas e bambus, aparentavam segurança. Ninguém se lembrava já do início catastrófico da monção daquele ano.

Os curumbins de Orlim iam trabalhar com mais coragem. Já não temiam um ano magro, de fome. Nas suas conversas, transmitiam a esperança duma colheita razoável; asseguravam-se, a si próprios, da sua cota-parte em bate, que receberiam. Pareciam não ter outros problemas que não fosse a várzea, o centro justificativo das suas existências.

Em casa de Mogrém, nem coragem nem esperança. Só Vitol ia à várzea com a sua habitual nuvem de medo, que o tornava incomunicável. As crianças já não brincavam como até há pouco. Deviam sentir-se imobilizadas com a doença da mãe. Esta, tomava paliativos que lhe traziam dos pontos mais distantes e ia piorando dia após dia. Não se chamava o médico, porque os pobres só têm confiança na mãe-natureza, a responsável pelos seus males e venturas. Esperavam que o

gênio do mal desaparecesse, pois para isso muitas preces tinham sido feitas.

Abatida pelos seus frios, Mogrém acabou por morrer, no silêncio em que tombara desde o primeiro dia da monção. A primeira coisa que me ocorreu, ao saber da triste notícia, foi a sua figura de Vénus subtraída à paisagem de Orlim. Que pena não ter podido fixar numa tela a doçura da sua expressão, toda a suave melodia do seu corpo. Mogrém, a bela, a bela Mogrém desaparecera, desconhecendo totalmente a sua beleza. Talvez, sem o prejuízo das afectações, fosse essa a razão porque ela me dava a medida exacta da sua beleza autêntica. Custava-me muito ver a Mogrém morta, danificada pela doença, sem nada que justificasse a sua existência de ontem. Sabia que faltava pouco para ser atada aos bambus, que os homens aprontavam. Faltava, também, pouco, para ser levada ao crematório. Em breve, ela seria apenas uma pequena nuvem de fumo.

Nos olhos encovados de Vitol, as lágrimas acumulavam-se e desciam, confundindo-se lentamente com o suor do seu tronco nu. Das seis crianças, só Xantá chorava, em gritos dilacerantes; as outras pareciam terrivelmente assustadas, piscando os olhos com espanto. O batecar Dias também lá estava, mudo e abatido. Ocultava no semblante algo que, naquele momento, o igualava a Vitol. Parecia impossível vê-los interligados numa atitude tão idêntica, uma atitude dir-se-ia mais de medo que de outra coisa...

Quanto a mim, só me preocupava com a beleza daquela mulher cujo viço a morte roubara.

“Mogrém era linda! A curumbina mais bela de Orlim!”

Com estas palavras, esperava alcançar a dor de Vitol. No entanto, este continuava calado, sem exteriorizar a mínima reacção ao que acabava de ouvir da minha boca. Mas não pôde manter-se assim muito tempo, sem expulsar o seu segredo:

“Não, não é a beleza de Mogrém que me faz falta, baí... Mogrém, para mim, representava dois braços vigorosos, meus melhores colaboradores nesta luta contra a fome!...”

A confissão de Vitol, franca, sem os rodeios que um burguês usaria nas mesmas circunstâncias, recebia toda a compreensão do batecar Dias. Este acenava afirmativamente para dizer que concordava. Volvido o receio íntimo do primeiro, a atitude do segundo já não carecia de explicação. O medo que revelavam e que os unia naquele momento não era da morte nem da mulher que jazia inanimada para sempre; o medo era da falta dos braços da Mogrém!... Apenas os braços, simbolizando trabalho – pão para o manducar e para o batecar.

Instintivamente, a minha vista desceu sobre os braços de Mogrém. Mas era tarde. O seu belo corpo estava já oculto por um lençol. Lá fora, à entrada da casa, os homens esperavam para transportar o cadáver ao oiteiro.

REGRESSO *The return/Returning*

Dhruva pôs os pratos no chão e foi chamar o avô. Refastelado num dos cantos da casa, encostado à parede, de côcoras, a fumar viddi, o avô teve dificuldade em livrar-se das câibras que, por instantes, lhe tolheram os movimentos. Mas, logo que esticou os músculos e se pôs em pé, readquiriu a boa disposição e olhou à volta.

“Ei Chandracanta, ei Sadassiva, vamos comer!”, disse o velho, em voz alta, enquanto esperava o neto e o filho.

Chandracanta parecia não ter ouvido, continuou defronte da pequena janela com grades de ferro. Tudo aquilo lhe parecia estranho. Era horrível aquela nova sensação de ver transformadas as suas recordações em conceitos desactualizados, perante os quais se sentia tão alheio. O lar, tão acolhedor seis anos atrás, surgia-lhe como um beco sem saída: os pais, dois velhos agarrados à terra, demasiado agarrados à terra; o avô, um rochedo impenetrável onde conceitos ancestrais haviam aferrado as raízes que passavam inalteráveis de geração em geração! Mas o pior, o que o punha mais triste, era a falta de comunicação com Dhruva, cuja imagem tivera presente durante todos aqueles anos. Dhruva já não era mais a chama que o estimulara, mas apenas uma estátua movendo-se à volta dos sogros. Que absurdo, pensava (apesar

de seis anos de separação? Ou precisamente por isso?), não terem trocado ainda senão umas poucas palavras convencionais...

"Ei, Chandracanta! Já lavou as mãos? O âpây e o dâdâ já estão a comer!", gritou a mãe do fundo da cozinha.

O seu primeiro impulso foi resistir e ficar ali. Viu, no entanto, que Dhruva o esperava com a bilha e dirigiu-se para ela, estendendo-lhe as mãos por cima da pia. Dhruva inclinou a bilha e deixou escorrer a água por entre os dedos do marido, enquanto este não podia afastar os olhos do seu rosto, que sem dúvida sentiam também a estranheza da suas relações. Continuaram em silêncio durante uns momentos e, talvez por isso, Dhruva retirou-se apressadamente, tapando a cara com o paló do sari, ao mesmo tempo que grossas lágrimas lhe rolaram pelas faces.

Chandracanta suspirou fundo. Hesitou um momento, mas o pai e o avô esperavam-no. Com o seu fato à europeia, trazido de Lisboa, teve relutância em sentar-se no chão com eles. Hesitou. Mas teve uma ideia: tirou o lenço do bolso e estendeu-o no chão, preparando-se para sentar-se junto deles, com as pernas cruzadas.

"Para quê este lenço? Em Portugal come-se assim?", perguntou o avô, sempre atento a não consentir que os hábitos da casa se modificassem.

"Em Portugal come-se à mesa, avô!", exclamou Chandracanta com um ligeiro ar de superioridade.

Mas o velho não vacilou:

"Já estou farto de saber o que se faz em Portugal. Desde que vieste, não tens dito outra coisa."

Sadassiva achou que a discussão era inútil e nesse momento, muito preocupado, resolveu chamar o filho à realidade. Lembrou-se de que tinha sido o único a sustentar a ideia de ter um 'doutor' na família mas não se devia exagerar. Limpou o suor da testa e disse:

"O teu avô tem razão, Chandra! Desde que vieste só nos tens feito sentir os teus novos hábitos. Deixaste de ser o Chand só porque agora és doutor?"

Do fundo do corredor, Dhruva escutava a conversa mas não conseguia captá-la devidamente. Por isso foi-se aproximando lentamente, com o pretexto de recolher os pratos de metal. Também ela sentia que Chandracanta já não era o mesmo que há seis anos lhe fora dado para marido; então, embora um desconhecido, compreendia-o em silêncio. Agora era mais do que um desconhecido, era um estranho.

Vendo que a nora ia recolher os pratos, Sadassiva fez uma pausa, habituado a não falar diante de mulheres. Estava impaciente, por não ter podido dizer tudo o que queria. Lembrou-se então de fumar um viddi. Quando se preparava para pedir lume ao filho, reparou que este já ali não estava.

"Chandracanta, ei Chand!", chamou-o, pronto a retomar o fio da conversa.

Mas o avô teve um gesto de aborrecimento.

"Chand é o único que usa sapatos dentro da casa", resmungou, mal humorado, apontando para a marca dos sapatos que Chandracanta deixara no chão.

Chandracanta saíra. Precisava de estar só, pôr-se em ordem por dentro. E pensou sobre si

próprio, sobre os goeses que nunca regressavam e arrependeu-se de não ter feito o mesmo, de não ter ido para Moçambique com a Luísa. A lembrança da Luísa fez-lhe reviver os tempos de Lisboa, aquelas tardes quando passeavam juntos na avenida da Liberdade, no Jardim Botânico... Mas agora tudo tinha desaparecido, tudo, era tarde, demasiado tarde. Regressara e tinha de começar a sua vida como um jovem médico em Pangim. A ideia de ficar ali durante toda a vida trouxe-lhe uma sensação de fracasso e, como se lhe faltassem as forças, olhou em redor à procura de um sítio para se sentar. Estava ali uma enorme pedra. Mas desta vez não puxou pelo lenço. Sentou-se decididamente sobre a pedra suja.

Teria ficado ali muito tempo, entregue ao seu pessimismo, se não fosse alguém tocar-lhe no ombro.

“Então por cá, Chandracanta?”, ouviu uma voz exclaimar.

Virou-se, encarando o intruso.

O velho continuou, um pouco tímido:

“Não me reconhece? Sou Caxinata Sirvodcar...”

“Ah, sim... sim, não estava a reconhecê-lo... isso, isso...”, balbuciou, franzindo a testa. “É... foi o meu professor de marata! Há tantos anos...”

“Mas eu não me esqueci de si. Disseram-me que já é doutor. Fiquei satisfeito!” E o professor riu de contentamento, mostrando os poucos dentes que lhe restavam. “E que tal acha isto, hã? Tudo na mesma, não?”

Como se pretendesse desembaraçar-se de um trapo velho, Chandracanta observou:

“Estou farto disto! Se pudesse ia-me já embora outra vez para Portugal!”

Caxinata não escondeu a sua profunda mágoa.

“Quando vocês vão a Portugal já não gostam disto! Ou fingem que não gostam para se darem ares de pessoas importantes!”, exclamou. “Se todos pensarem como você e os outros que vão e nunca mais voltam, em Goa ficarão só velhos e crianças...” Lançou fora a ponta do cigarro que acabara de fumar e esmagou-a com o pé. A expressão sombria do seu rosto foi absorvida pela escuridão da noite que caíra subitamente. “Vocês, filhos de Goa...”, continuou impetuosamente. Mas logo a sua voz fraquejou, como ante algo irremediável: “Recusam-se... recusam-se... recusam-se a melhorar isto...” E afastou-se lentamente, gesticulando, deixando atrás de si a perplexidade de Chandracanta.

Olhando a figura mirrada do professor que a pouco e pouco desapareceu no escuro, Chandracanta viu também as horas. Eram as nove. Já todos dormem certamente, pensou. Triste.

Sem nenhum fito, caminhou vagarosamente na esteira do professor, que era também o seu caminho de regresso. «Ele deve estar certo. Está de acordo com a terra e a terra está certa, sempre certa», murmurou. «Eu é que saí e não quero voltar.» No céu, como uma mancha cintilante, surgiu-lhe a imagem do avô. Sentiu um arrepio. Ficou sem saber se seria do terral ou do seu arrependimento pela maneira como reagira ao velho. Chandracanta pensou que eles nunca tinham saído da terra e viviam como há milênios, de acordo com as velhas tradições da sua casta. Via agora a sua mãe como a pedra fundamental da casa. E Dhruva? E Dhruva? Olhou de novo para o céu

escuro e, como sempre, uma estrela brilhava com fulgor, a Estrela Polar, Dhruva. Dhruva já não era como uma estátua, era ela, como o seu nome simbolizava – a esposa fiel; constante, que durante seis anos aguardou o seu regresso. Desejou correr para ela, mas o caminho era estreito e havia que tomar cuidado com as serpentes, que, assustadas pelos seus passos, podiam saltar dos covis, enraivecidas.

Chandracanta colocou os sapatos ao lado das sandálias do pai e do avô, como lhe tinham ensinado a fazer desde criança e como se fazia havia muitas gerações. No silêncio pesado da casa, só uma pequena luz trémula. Seguiu-a, tímido e cheio de esperança. Era a candeia que ardia diante da imagem da deusa Lacximi. Ficou um instante parado. Dentro de si, estava profundamente destruído. Porque agora sabia que tinha que partir de novo, tinha que regressar ao século XX, ao hoje.

GLOSSÁRIO

- Abolim* – pequena flor vermelha de Goa.
âi – mãe.
ailé-belé – doce feito com farinha de arroz, jagra e coco.
alalala! – interjeição: «Que lindo!»
âpây – avô.
Ay! Kata-kata! – interjeição de dor ou pena.
bab, bábá – tratamento de respeito e carinho para homens ou rapazes. Muitas vezes pospõe-se ao nome.
bai, baí – tratamento de respeito e carinho para mulheres e raparigas. Muitas vezes pospõe-se ao nome.
baí-faí – salamaleques, amabilidades.
bajipuri – prato picante feito com batata.
batecar, batecará – proprietário rural, para quem trabalham manducares.
batecan, batecarina – feminino de batecar.
bodki – viúva. Proibida de voltar a casar.
bonguis – párias que tratam dos esgotos das casas.
boto – sacerdote.
cambolim – capote largo de lã.
candil – meia tonelada.
canudos – ver *viddi*.
capodd – pano usado pelas mulheres casadas.
carandoeiro – planta silvestre.
chardó – a segunda casta mais importante, logo a seguir à dos brâmanes. É equivalente à casta dos xátrias.
chereta – metade da casca de coco, usada como colher, chave-na, etc..
chinchré – sementes secas do tamarindo.

chondor-vatt – incenso indiano.
chupadeiras – variedade inferior de manga, que se chupa.
cofres – dinheiros, valores.
corangute – variedade de arroz grosso, normalmente cozinhado com a casca.
cucume – sinal usado na testa pelas mulheres hindus.
curumbins – casta humilde, que se ocupa de trabalhos pesados.
dâdâ – pai.
descendentes – descendentes de famílias europeias que viveram em Goa durante séculos. Lutaram sempre para serem reconhecidos como europeus com as consequentes vantagens.
Devá – exclamação: «Meu Deus!».
distican – mulher de virtude, que tira o mau-olhado.
divtti – candeia hindu.
douló (plural: *doulé*) – colher feita com chereta.
embostado – pavimento feito com bosta de vaca.
estabelecer – contrato pelo qual se fica sendo herdeiro de alguém.
faraz – casta humilde, que se ocupa de trabalhos de bambu tecido.
fenim – aguardente de palmeira.
gaddi – feiticeiro.
Ganês – divindade hindu com cabeça de elefante, filho de Xiva e de Parvati. É a divindade mais venerada em Goa. Tratando-se de um deus das colheitas, é sempre representado com um ratinho aos pés.
gelés – colares de flores para o cabelo.
godão – armazém, despensa.
goddé – berlindes.
Hus! – interjeição de fadiga.
irani – restaurante popular hindu.
jagrada – doce feito de jagra.
Jayadeva – poeta sanscrítico do século XII.
kâkû – tio.
langotim – espécie de tanga usada pelas classes baixas na Índia.

mate – terra.
nachinim – planta cerealífera indiana, que se faz germinar para formar a relva nos presépios.
nâttak (plural: *nâttkan*) – teatro popular hindu, que se representa junto dos templos.
oddé – fritos típicos do Natal.
pacló (plural: *paclé*) – nome por que são designados os europeus, os portugueses.
paló – ponta do sari, que se atira para trás das costas ou a cobrir a cabeça.
poiçá – pequena moeda de cobre.
puddvém – pano de vestir com que os hindus substituem as calças.
râsa – «sabor», emoção figurativa que o actor deve comunicar ao espectador.
saibá – vocativo de *Saib*, senhor.
sâpây – sogro.
sari – veste feminina indiana.
sunê – nora.
tali – uma das cerimónias do casamento hindu. O *tali* é um fio cor-de-açafrão com contas que se põe ao pescoço da noiva.
tambió – bilha de metal para lavagens.
terral – vento frio que sopra de terra.
tyâtr – teatro popular cristão, semelhante à revista portuguesa, muito popular nas aldeias de Goa, constituindo um elemento importante de crítica social.
urraca – uraca.
viddi – cigarros manufacturados pelos hindus.
viddó – betle com areca.
xacuti – prato picante de cabrito ou galinha.
zaiêu – flor branca de Goa.

mas só poderia ser escrita por uma oriental. É um cadinho que reúne e harmoniza tendências aparentemente díspares. Revelando diversas facetas da alma indiana, procurando comunicar o substrato anímico e cultural das castas, ora no seu isolamento e intrinsecidade, ora na sua dialéctica de relações sociais, mostrando a influência relativas de religiões e culturas dissemelhantes sobre camadas idênticas, Vimala Devi umas vezes é irónica, como em «O genro-comensal», outras vezes é profundamente lírica, na sua compreensão da pureza e da beleza das velhas tradições, como em «Dhruva» ou «Fidelidade», outras vezes atinge inflexões dramáticas, ao focar a decadência das antigas castas, em «Ocaso», a situação das castas inferiores em «Os filhos de Job» ou o irredutível afastamento entre homens e mulheres de confissão diferente, em «A droga». Um dos mais expressivos e tocantes contos do livro mostra a delicadeza e dificuldade de relações entre as raças europeia e indiana («Padmini»), enquanto no conto «A subvenção» é tratada com humor uma experiência que chegou a ter reflexos profundos até mesmo quando caricaturais.

Pela beleza e simplicidade do seu estilo, pela compreensão psicológica dos seres e das situações (sob este ponto de vista, «Nâttak» será porventura o conto em que a autora melhor garante as suas possibilidades), pela segurança com que dá expressão simbólica às suas narrativas, a escritora goesa Vimala Devi afigura-se-nos ter largo futuro como ficcionista, dentro da literatura portuguesa.

António Quadros
in Diário Popular – 29.8.1963

Da fusão daquela herança [da poesia hindu] com o espírito português nasceu a riquíssima originalidade e ainda a modernidade que Vimala Devi revela nos seus poemas e nos seus contos.

Miquel Dolç
in Las Provincias (Valência) – 5.1.1964

Tal como o Picasso cubista, ela também queria expressar todas as caras do poliedro humano...

Oriol Pi de Cabanyes
in La Vanguardia (Barcelona) – 5.4.1992

Trata uma sociedade que, segundo parece, já desapareceu e é de facto o único documento pelo qual se pode saber como se vivia em Goa durante o período colonial... Os contos apresentam com sentimento e realismo poético a vida de pessoas normais. Os contrastes entre tradição e modernidade, Oriente e Ocidente, estão patentes em todas as histórias.

Jacques Le Puil
in LKK (Thaumières, França) – 8.2000

Todos os contos pintam numa língua clara e bela uma imagem ricamente colorida de uma sociedade fascinante mas ao que parece em extinção.

Garbhan MacAoidh
in Monato (Antuérpia) – 8.2000

Os contos de Vimala Devi irradiam uma grande humanidade. A autora, além de conhecer todos esses problemas e a vida, sabe descrevê-los com realismo.

Julian Modest
in Literatura Foiro (Vraca, Bulgária) – 12.2000

Estes contos tristes, cruéis e também, ternos, abrem-nos regiões desconhecidas – geográficas e psicológicas.

Silvia Moritz

in La Gazeto (Metz, França) – 15.6.2001

...belo e ao mesmo tempo pungente, fogo modelador do barro rude da realidade. Eu própria não saberia situar Goa no mapa, e que antes de ler *Monção* não tinha o mínimo interesse pelo microcosmos humano que aí fervilha – a ignorância fomenta o desinteresse – , sinto-me agora estranhamente cúmplice de umas pulsações humanas radicalmente longínquas das minhas. E de repente fazem parte da minha vida as rudes vidas daqueles semi-escravos que trabalham terras dos proprietários de sempre, estes, sim, sem outra pátria que não seja a pátria do poder. E são vida partilhada o amor subtil da rapariga casada à força, ou o homem empobrecido que resolve matrimonialmente o celibato de três irmãs ricas, ou o misérrimo pescador que teme muito mais o médico do que a morte. O médico que lhe fala de direitos... Ou a dualidade entre o mítico e distante Portugal e a Índia que se aproxima a velocidade imparável: dois mundos que sacodem Goa até às entranhas. Não saberia dizê-lo nos termos precisos, mas *Monção*, como todos os livros excelentes, deixa-nos as orelhas escancaradas, o olhar fixo em horizontes distantes, a alma revoltada e ao mesmo tempo estranhamente calma, e o que está escrito passa a ser um bocado da nossa própria vida. Passa a ser nós.

Pilar Rahola

in Avui (Barcelona) – 12.12.2002

Monção mostra as brechas que se vão produzindo na sociedade de castas e classes tradicionais, as hipocrisias e os preconceitos, a convivência com novas desigualdades, a submissão dos fracos

e da mulher, sobretudo a submissão da mulher, as aparências, os preconceitos e os convencionalismos de uma sociedade bafienta, dominada pelas tradições e a religião, ancestrais e importadas, tanto faz. Com umas personagens humaníssimas... [...] Leiam o livro de Vimala Devi e deixem-se impregnar pela sua *Monção*. O que lá encontrarão é um testemunho de vida, que nos arrasta.

Antoni Munné-Jordà

Apresentação no Foment Vilanoví (Barcelona) – 14.12.2002

Esta mistura de culturas e religiões está tratada com grande sensibilidade pela autora, que converte em ficção casos reais que ela conheceu, relações amorosas impossíveis por serem os amantes de castas diferentes, as convenções sociais que obrigavam a mulher a casar-se porque ficar solteira era mal visto, o que provocava matrimónios de conveniência e endividamentos dos pais para pagar os dotes, os conflitos sociais nas propriedades rurais... Embora o tom geral do livro seja intimista, percebe-se também nele uma denúncia.

Rosa Maria Piñol

in La Vanguardia (Barcelona) – 30.12.2002

A frescura com que agora lemos umas páginas concebidas há quarenta anos é a melhor prova da sua validade intemporal. E a constatação irrefutável de que para chegar à alma das coisas e trasladá-la ao leitor, a boa literatura prioriza aquilo que é local, particular, íntimo. Neste caso, o veículo é uma linguagem simples, precisa na observação, mas nada simples na sua organização literária. Combina diferentes vozes, alterna múltiplos planos de espaço e de tempo, em nome da máxima eficácia emotiva. E a emoção não tarda a chegar, sob o envoltório de uma certa placidez, de um olhar que contempla dramas, até tragédias,

sem qualquer histrionismo. Como se a existência fosse um rio de turbulências inevitáveis, que é preciso aprender a contemplar a partir de um certo estoicismo, mas com o pensamento crítico. [...] De tudo isto e de mil matizes humanos nos fala Vimala Devi num livro que nos acaricia, que não nos permite ficar de fora.

Isidre Grau
in Vilanovadigital – 31.2.2002
in L'Hora/El Punt (Barcelona) – 3.1.2003

... os relatos de *Mongão*, agora traduzidos ao catalão pela própria Vimala Devi, são como um copo de água fresca que mata a sede: frescos, inspirados, genuínos...

Teresa Costa-Gramunt
in L'Eco de Sitges (Barcelona) – 4.1.2003

Vimala Devi, que os leitores catalães já conheciam como poeta, ofereceu-nos agora uma autêntica surpresa: *Mongão*, uma bela obra narrativa cuidadosamente traduzida para o catalão, a sua língua de adopção, e acrescida de três novos contos inxistentes no original português. A autora fala-nos da sua Goa natal, a Goa colonial onde nasceu e cresceu, do contraste das civilizações que a dividiam em dois mundos separados pela religião, pela língua, pelas castas, pelos costumes..., pervertidos pelo sistema colonial, mas onde, no entanto, sempre há homens e mulheres que mantêm a dignidade e anseiam pela tolerância, personagens desenhados delicadamente ao longo destes quinze contos – ou dever-se-ia dizer dos quinze capítulos do romance?

August Bover
Apresentação na Biblioteca Santiago Rusiñoy, Sitges
(Barcelona) – 10.10.2003